

O ANTICRISTO



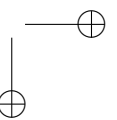
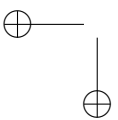
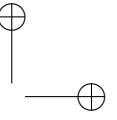
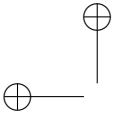
Friedrich Nietzsche

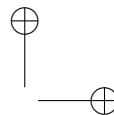
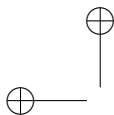
Tradutor:
Artur Morão

www.lusosofia.net



LUSO Sofia:PRESS



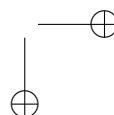
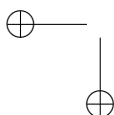


Apresentação

Violência e ironia feroz – eis dois rasgos da crítica que Nietzsche fez ao Cristianismo, ao qual moveu em *O Anticristo* um dos mais virulentos ataques de toda a história espiritual do Ocidente. E, no entanto, a sua atitude perante o Cristianismo é ambígua: se a hostilidade, a recusa – que, por vezes, chega ao desvario e acusa um ressentimento sem limites – é o sentimento que sobressai perante a figura e a realização históricas do Cristianismo, sobretudo sob a forma de «Igreja», uma secreta admiração e atracção para as exigências cristãs, ou o ideal cristão, não estão de todo ausentes em Nietzsche e são, por vezes, explicitamente patenteadas na sua obra.

Não surpreende, pois, a possibilidade de várias interpretações teológicas do seu pensamento. Para O. Flake, Nietzsche surge como o ponto mais alto do subjectivismo religioso e moral iniciado por Lutero, e cujo desenlace só podia ser o niilismo que abriu espaço, entre outros, aos ídolos do Estado, da raça e da ciência. Segundo W. Weymann-Weyhe, Nietzsche surge positivamente como uma das possíveis expressões da história da consciência cristã – uma posição parcialmente afim e paralela à de Kierkegaard, mas de sinal contrário. E até se afirmou que Nietzsche poderia figurar como iniciador de uma peculiar *imitatio Christi* (Ernst Benz)!

Há, porém, que sublinhar o seguinte: a teologia contemporânea não estava porventura preparada para os problemas levantados pelo ataque de Nietzsche contra o Cristianismo, sobretudo pela ideia de «genealogia», que traz consigo uma suspeita radical, e pela tese do «ocaso do Cristianismo» que, de certo modo, é em Nietzsche uma espécie de constatação e de diagnóstico a propósito da cultura moderna, mais do que um golpe da sua crítica. É nesta linha que dois teólogos protestantes interpretam o ateísmo nietzscheano: W. Nigg vê em Nietzsche um revolucionário da religião (aqui, distinta do Cristianismo e talvez não inconciliável com o postulado nietzscheano da fé em Deus como mentira) e uma encarnação do destino metafísico do homem moderno;



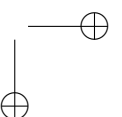
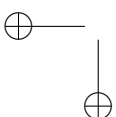


Paul Tillich refere-se, a seu respeito, a uma busca de Deus para além de Deus [cfr. G. Vattimo, *Introduzione a Nietzsche*, Bari, Laterza, 1985, pp. 139 ss.].

Por outro lado, conhece-se o ponto de vista de Karl Jaspers, no escrito *Nietzsche e o Cristianismo* (1938): a luta de Nietzsche contra o Cristianismo nasce dos seus próprios *impulsos cristãos*, mas que desde o início surgem nele *despidos de conteúdo cristão*, isto é, emergem como energia do puro tender para o alto, descobrindo o desfasamento total entre a exigência e a concreção real.

É possível efectivamente inserir Nietzsche na história da consciência cristã, embora se deva reconhecer que a sua crítica ao Cristianismo não é um fim em si mesmo; na sua visão pessoal da história, o Cristianismo é apenas um momento – decisivo, sem dúvida – de um processo mais amplo de falsificação da vida, que já vem de trás e que, sob certos aspectos, constitui quase o tecido permanente dos tempos do homem. Será este essencialmente «reactivo», incapaz de dizer e fazer *sim* à vida? Revelar-se-á incapaz de superar a astúcia do não, de neutralizar uma vida persistentemente degradada? Como evento histórico, o Cristianismo, a enfermidade cristã – com o seu dualismo, os seus dogmas, as suas objectivações concretas – teve, segundo Nietzsche, uma importância determinante no contexto da civilização porque, no fundo, revelava uma cumplicidade interna com as estruturas profundas e inconscientes do homem. Não foi decerto a causa central, mas apenas um catalisador efficacíssimo e agravante de uma doença estrutural que nos habita e nos leva a esquivar-nos ao *sim* integral perante a vida multiforme. «Há no homem algo de fundamental, que não se alcançou» – diz algures o filósofo.

De tal modo é assim que ele, longe de se ater exclusivamente ao Cristianismo histórico e institucional, se atira ainda ao «cristianismo latente» que, com a sua vontade de crença, impregna outras formas culturais e reina em domínios não directamente religiosos. Esse «cristianismo latente» pode insinuar-se na fé posta na ciência (eis o sentido da crítica a David Strauss), na moral (de Schopenhauer, por exemplo,





não obstante o seu ateísmo incondicional), na evolução das estruturas sociais e políticas do Ocidente, desde a Reforma até hoje (em particular, nos pressupostos da democracia ou do socialismo).

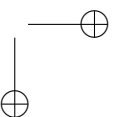
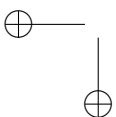
A crítica de Nietzsche ao Cristianismo é, pois, um ajuste de contas, mas no interior de uma denúncia muito mais vasta que abrange toda a cultura ocidental e, sobretudo, o seu resultado final, a cultura burguesa, à qual o filósofo fustiga e censura implacavelmente a sua obsessão pela quantidade, o seu culto do facto e da mera *utilidade*, a posse acumulativa do saber, o seu activismo e a sua conquista das coisas (indícios da fuga e da perda de si mesmo) – comportamentos esses que nascem do *não* perante a vida e levam ao esquecimento das questões últimas do «para quê», do «para onde» e do «donde».

* * *

Numerosos são os pontos que mereceriam um exame atento em *O Anticristo*: a génese do Cristianismo, a sua relação com o paganismo e com a antiguidade greco-romana, a figura do judaísmo bíblico, a contraposição entre Jesus e Paulo, o sacerdote como tipo de função, a relação do Cristianismo com o tema da «morte de Deus», o anti-semitismo, a aversão ao espírito democrático, o elitismo, etc. São temas que Nietzsche aborda aqui, numa mescla extrema de percepção e delírio, com violência, muito longe do *sine ira et studio* do investigador. Mas para ele, como se sabe, trata-se de um anátema!

A tradução tem por base o texto da «Kritische Gesamtausgabe», preparado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, publicado pela Verlag de Gruyter de Berlim, a partir de 1967.

Artur Morão





O ANTICRISTO

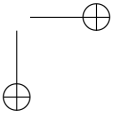
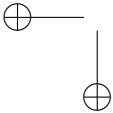
Friedrich Nietzsche

Índice

PRÓLOGO

Este livro destina-se a muitíssimo poucos. Talvez nem sequer um deles viva ainda. Serão esses, porventura, os que compreendem o meu *Zarathustra...* Como *poderia* eu misturar-me com aqueles para quem hoje se aprontam já ouvidos? Só o depois-de-amanhã me pertence. Alguns nascem póstumos.

Conheço demasiado bem as condições em que alguém me compreende e, além disso, *com necessidade* me compreende. Há que ser íntegro até à dureza nas coisas de espírito para aguentar a minha seriedade e a minha paixão; estar afeito a viver nas montanhas, a ver *abaixo* de si o mesquinho charlatanismo actual da política e do egoísmo dos povos. Importa ter-se tornado indiferente, é preciso nunca perguntar se a verdade é útil, se chegará a ser uma fatalidade... Necessária é também uma preferência da força por questões a que hoje ninguém se atreve; a coragem para o *proibido*; a predestinação para o labirinto. Uma experiência de sete solidões. Ouvidos novos para uma nova música. Olhos novos para o mais longínquo. Uma consciência nova para verdades

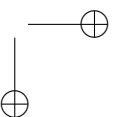
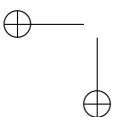




que, até hoje, permaneceram mudas. E uma vontade de economia de grande estilo: reter conjuntamente a sua força, o seu *entusiasmo*... O respeito por si mesmo, o amor-próprio, a liberdade incondicional para consigo...

Pois bem, só esses são os meus leitores, os meus autênticos leitores, os meus predestinados leitores: *que importa o resto?* O resto é simplesmente a Humanidade. Há que ser superior à humanidade em força, em *grandeza* de alma – e em desprezo...

FRIEDRICH NIETZSCHE

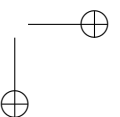
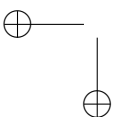




O ANTICRISTO

1

Olhemo-nos de frente. Somos hiperbóreos – sabemos assaz como vivemos à parte. «Nem por terra nem por mar encontrarás o caminho para os hiperbóreos» – como já de nós dizia Píndaro. Para além do norte, do gelo, da morte – a nossa vida, a *nossa* felicidade... Descobrimos a felicidade, sabemos o caminho, encontramos a saída de milénios inteiros de labirinto. Quem *mais* a encontrou? O homem moderno talvez? «– Não sei sair nem entrar; sou tudo aquilo que não sabe nem sair nem entrar» – lamenta-se o homem moderno... E é *dessa* modernidade que adoecemos – da paz podre, do compromisso covarde, de toda a virtuosa sujidade do moderno sim e não. Esta tolerância e *largeur* do coração, que tudo «perdoa» porque tudo «compreende», é para nós o vento siroco. Antes viver no gelo do que no meio das virtudes modernas e de outros ventos do sul!... Fomos bastante ousados, não poupámos os outros nem a nós mesmos; mas, por longo tempo, não soubemos *onde ir* com a nossa bravura; tornámo-nos sombrios, chamaram-nos fatalistas. O nosso *fatum* – era a plenitude, a tensão, a acumulação das forças. Tínhamos sede de relâmpagos e de actos, mantínhamo-nos o mais longe possível da felicidade dos fracos, da «resignação»... Pairava a tempestade na nossa atmosfera, a natureza, que nós somos, obscurecia-se – *pois não tínhamos senda alguma*. Eis a fórmula da nossa felicidade: um sim, um não, uma linha recta, uma *finalidade*...





2

O que é bom? – Tudo o que aumenta no homem o sentimento do poder, a vontade de poder, o próprio poder.

O que é mau? – Tudo o que nasce da fraqueza.

O que é a felicidade? – O sentimento de que o poder *cresce*, de que uma resistência foi vencida.

Não o contentamento, mas mais poder. *Não* a paz finalmente, mas a guerra; *não* a virtude, mas a excelência (virtude no estilo do Renascimento, *virtù*, virtude isenta de moralismos).

Os fracos e os falhados devem perecer: primeiro princípio da *nossa* caridade. E há mesmo que ajudá-los a desaparecer!

O que é mais nocivo do que todos os vícios? – A compaixão da acção por todos os falhados e fracos: o Cristianismo...

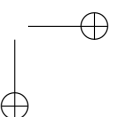
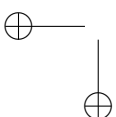
3

O problema que aqui apresento não é qual o lugar que a humanidade deve ocupar na sequência dos seres (o homem é um fim), mas que tipo de homem se deve *criar*, se deve *pretender*, como o de mais alto valor, mais digno de viver, mais seguro do futuro.

Este tipo de elevado valor já existiu bastantes vezes; mas como um feliz acaso, como uma excepção, nunca como um tipo *desejado*. Pelo contrário, foi precisamente *ele* o mais temido até ao presente, quase a própria realidade temível em si – e a partir desse temor o tipo inverso foi desejado, criado, *conseguido*; o animal doméstico, a rês gregária, o doente animal humano – o cristão...

4

Ao contrário do que hoje se crê, a humanidade *não* representa uma evolução para algo de melhor, de mais forte ou de mais elevado. O «progresso» é simplesmente uma ideia moderna, ou seja, uma ideia falsa. O europeu de hoje vale bem menos do que o europeu do Renascimento; desenvolvimento contínuo *não* é forçosamente elevar-se, aperfeiçoar-se, fortalecer-se.





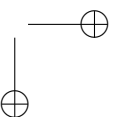
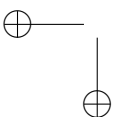
Por outro lado, ocorrem constantemente casos singulares nas mais diversas regiões da Terra e a partir das mais diferentes culturas, nos quais se manifesta efectivamente um *tipo superior*: Tipo que, em relação ao conjunto da humanidade, constitui uma espécie de ultra-homem. Tais golpes de sorte da grande ocorrência foram e serão, talvez, sempre possíveis. E até mesmo linhagens inteiras, tribos, povos, podem em certas circunstâncias representar um tal *acertar no alvo*.

5

Não há que embelezar nem que ornamentar o Cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra o tipo de homem superior, baniu todos os instintos fundamentais de tal tipo, e desses instintos destilou o mal, o pernicioso – o homem forte como o tipicamente abominável, o homem «proscrito». O Cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, falhado, fez da *oposição* aos instintos de conservação da vida forte um ideal; e até corrompeu a razão nas naturezas intelectualmente mais fortes, ao ensinar a ter os valores superiores da intelectualidade como pecaminosos, como desorientadores, como *tentações*. O mais lamentável exemplo: a corrupção de Pascal, que acreditava na corrupção da sua razão em virtude do pecado original; ela estava corrompida, é certo, mas apenas pelo seu Cristianismo!

6

Diante de mim surgiu um espectáculo doloroso e aterrador: tirei a cortina da *corrupção* do homem. Pelo menos na minha boca, esta palavra subtrai-se à suspeita de conter uma acusação moral contra o homem. Entendo-a – quero sublinhá-lo uma vez mais – isenta de *moralismos*: A tal ponto que percepciono sobretudo esta corrupção justamente como, até agora, de um modo mais consciente se aspirou à «virtude», à «divindade». Entendo a corrupção, como já se está a adivinhar, no sentido de *décadence*; a minha afirmação é que todos os valores em que agora a humanidade condensa os seus desejos supremos são *valeurs de décadence*.





Tenho por corrupto um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde os seus instintos, quando escolhe e *prefere* o que lhe é prejudicial. Uma história dos «sentimentos sublimes», dos «ideais da humanidade» – e é possível que eu tenha de a contar – seria quase explicar *porque* é que o homem está tão corrompido. Mas a própria vida é para mim o instinto de crescimento, de duração, de acumulação das forças, o instinto do *poder*; onde falta a vontade de poder, há degenerescência. A minha afirmação é que esta vontade *falta* em todos os valores supremos da humanidade que, sob os mais sagrados nomes, dominam os valores da decadência, os valores *niilistas*.

7

Chamam ao Cristianismo a religião da *compaixão*. A compaixão está em contradição com as emoções tónicas, que elevam a energia do sentimento vital; a compaixão tem uma acção depressiva. Quando alguém se compadece, perde a força. Pela compaixão aumenta-se e multiplica-se o desperdício de energia que o sofrimento, por si próprio, já traz à vida. O próprio sentimento torna-se, pela compaixão, infeccioso; em determinadas circunstâncias pode chegar-se a um desperdício global de vida e de energia vital, que se encontra numa relação absurda com o *quantum* da causa (o caso da morte do Nazareno). Eis o primeiro ponto de vista; mas existe outro ainda mais importante. Supondo que se mede a compaixão pelo valor das reacções que costuma suscitar, surge ainda mais claramente o seu carácter nocivo à vida. A traços largos, a compaixão contradiz a lei da evolução, que é a lei da *selecção*. Conserva o que está maduro para o declínio, luta em prol dos deserdados e dos condenados pela vida; e, pela abundância dos falhados de toda a espécie, que *mantém* vivos, confere à própria vida um aspecto lúgubre e duvidoso. Ousou-se mesmo chamar virtude à compaixão (em qualquer moral *nobre* surge como fraqueza); foi-se mais longe, fez-se dela *a* virtude, o solo e a origem de todas as virtudes – só que, e é necessário não o esquecer, a partir do ponto de vista de uma filosofia que era niilista, que inscrevia como divisa no seu escudo a *ne-*

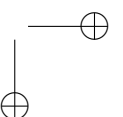
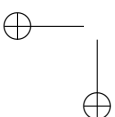




gação da vida. Schopenhauer tinha razão ao dizer: «A vida é *negada* pela compaixão, a compaixão torna a vida ainda *mais digna de ser negada*» – compadecer-se é a *prática* do niilismo. Uma vez mais: este instinto depressivo e contagioso contradiz os instintos de conservação e de valorização da vida: como *multiplicador* da miséria, mais ainda como *conservador* de todos os míseros, é um instrumento essencial na acentuação da *décadence*; *a compaixão incita ao nada!*... Não se diz «nada»: menciona-se em seu lugar «o além», ou «Deus», ou «a *verdadeira* vida»; ou ainda Nirvana, redenção, beatitude... Esta inocente retórica, proveniente do domínio da idiosincrasia religiosa e moral, revela-se logo *muito menos inocente* quando se elucida *qual* a tendência que ali se abriga, sob o manto de sublimes palavras: a tendência *hostil à vida.* Schopenhauer era inimigo da vida; *por isso*, a piedade transformou-se para ele numa virtude... Aristóteles, como se sabe, via a compaixão num estado mórbido e perigoso, que seria útil extirpar de quando em quando por meio de um purgante: para ele, o purgante era a tragédia. Em nome do instinto vital, deveria efectivamente arranjar-se um meio de enfraquecer essa acumulação de piedade, tão mórbida e nociva, como se nos depara no caso de Schopenhauer (e, infelizmente, também no de toda a nossa *décadence* literária e artística, desde S. Petersburgo a Paris, de Tolstoi a Wagner): que *rebente!*... Nada de mais insalubre, no meio da nossa insalubre modernidade, do que a nossa compaixão cristã. É *aí* que importa ser médico, é *aí* que é preciso ser implacável e manejar o escalpelo – eis o que *nos* incumbe, eis a *nossa* filantropia, eis o que *nos* faz filósofos, a nós, hiperbóreos!

8

É necessário referir *quem* olhamos como a nossa antítese: é preciso ter visto de perto a fatalidade, melhor ainda, é preciso tê-la vivido, é preciso ter nela quase perecido, para aqui já nada apreender de cómico (o livre pensamento dos nossos senhores investigadores da natureza e fisiólogos é, a meus olhos, um *gracejo*; falta-lhes a paixão nestas coisas, falta-lhes *sofrer* por elas). Este envenenamento alastra-se muito





mais do que se pensa: encontrei o instinto de arrogância, próprio dos teólogos, por toda a parte onde, hoje em dia, alguém se sente «idealista» – por toda a parte onde alguém, em virtude de uma mais elevada origem, se arroga o direito de olhar para a realidade com superioridade e distância... O idealista, tal como o sacerdote, tem na mão todos os grandes conceitos (e não só na mão!), e atira-os com um benévolo desprezo contra o «entendimento», os «sentidos», as «honras», a «ciência»; vê tais coisas *abaixo* de si como forças perniciosas e sedutoras, sobre as quais paira o «espírito» no puro ser-para-si como se a humildade, a castidade, a pobreza, em suma, a *santidade*, não tivessem até hoje causado infinitamente mais dano à vida do que quaisquer horrores e vícios... O puro espírito é a pura mentira... Enquanto o sacerdote surgir como um tipo *superior* de homem, esse negador, caluniador e envenenador da vida por *profissão*, não haverá resposta para a pergunta: o que *é* a verdade? Virou-se já a verdade de cabeça para baixo, quando o advogado consciente do nada e da negação se considera como o representante da «verdade».

9

Contra este instinto teológico faço eu a guerra: por toda a parte encontrei seus vestígios! Quem no seu corpo tem sangue de teólogo situa-se desde logo, perante todas as coisas, numa posição distorcida e insincera. *O pathos* que dele emana chama-se *fé*: fechar os olhos perante si mesmo, de uma vez por todas, para não sofrer com o aspecto de uma falsidade incurável. Desta óptica falseada acerca de todas as coisas fabrica-se intimamente uma moral, uma virtude, uma santidade, liga-se a boa consciência a uma *falsa* visão – e após esta se ter tornado sacrossanta, sob os nomes de «Deus», de «salvação» e de «eternidade», exige-se que nenhuma *outra* óptica possa ter valor. Desenterrei ainda por toda a parte o instinto teológico: é a forma mais divulgada, a forma verdadeiramente subterrânea de falsidade, que existe na Terra. O que um teólogo experimenta como verdadeiro *deve* ser falso: eis quase um critério de verdade. É o mais baixo instinto de autoconservação que

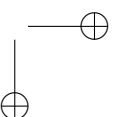
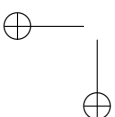




proíbe que, em qualquer ponto, a realidade seja honrada e se lhe conceda apenas a palavra. Onde chegar a influência teológica, o *juízo de valor* é posto de cabeça para baixo e forçosamente se invertem os conceitos «verdadeiro» e «falso»: «verdadeiro» será, neste caso, o que é mais pernicioso à vida; «falso» será tudo quanto aí leva, intensifica, afirma, justifica e faz triunfar... Se acontecer que os teólogos, através da «consciência» dos príncipes (*ou* dos povos), estendam as mãos para o *poder*, não duvidemos do *que*, no fundo, sempre acontece: a vontade do fim, a vontade niilista, aspira ao poder...

10

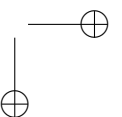
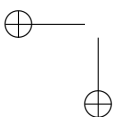
Entre os Alemães, logo me compreendem quando afirmo que a filosofia está corrompida pelo sangue teológico. O Pastor protestante é avô da filosofia alemã, e o próprio protestantismo é o seu *peccatum originale*. Definição do protestantismo: hemiplegia do Cristianismo – e da razão... Basta pronunciar o nome «Tübinger Stift» para entender o que, no fundo, é a filosofia alemã: uma teologia *insidiosa*. Os Suábios são os melhores embusteiros da Alemanha, mentem inocentemente: donde provinha, pois, o júbilo que, com o aparecimento de *Kant*, atravessou o mundo letrado alemão que, nas suas três quartas partes, é constituído por filhos de Pastores e mestres-escola? Donde provinha a convicção alemã, que ainda hoje encontra eco, de que com *Kant* se iniciara uma viragem para algo de *melhor*? O instinto teológico do letrado alemão adivinhava o *que* era de novo possível... Abria-se um caminho secreto para um antigo ideal, o conceito de «mundo *verdadeiro*» e o conceito de moral como *essência* do mundo (os dois erros mais malignos que existem!) eram agora de novo, se não demonstráveis, pelo menos, *impossíveis de refutar*, graças a um cepticismo velhaco e astuto... A razão, o *direito* da razão não vai tão longe... Fizera-se da realidade uma «aparência»; transformara-se em realidade um mundo completamente *inventado*, o da *essência*... O êxito de *Kant* é apenas um êxito de teólogo; tal como Lutero, como Leibniz, *Kant* foi mais um travão na já pouco sólida proibidade alemã.





11

Uma palavra mais contra Kant enquanto *moralista*. Uma virtude deve ser a *nossa* invenção, a *nossa* mais pessoal defesa e necessidade: em qualquer outro sentido é simplesmente um perigo. O que não condiciona a nossa vida é-lhe *prejudicial*: uma virtude que provém apenas de um sentimento de reverência perante a noção de «virtude», como pretendia Kant, é nociva. A «virtude», o «dever», o «bem em si», o «bem com o carácter da impessoalidade e da validade universal» – quimeras em que se exprime a decadência, a debilitação final da vida, a chinesice de Königsberg. É o contrário que ordenam as mais profundas leis da conservação e do crescimento: que cada um invente a *sua* virtude, o *seu* imperativo categórico. Um povo entra em colapso quando confunde o *seu* dever com o conceito de *Dever*. Nada arruína mais profundamente, mais intimamente, do que o dever «impessoal», o sacrifício ao Moloch da abstracção. Será possível não ver no imperativo categórico de Kant uma *ameaça contra a vida*?... Só o instinto teológico o tomou sob a sua protecção! Uma acção a que impele o instinto da vida tem no prazer a prova de ser uma acção *correcta*: e esse niilista com entranhas cristiano-dogmáticas considerou o prazer como *objecção*... Que é que destrói mais rapidamente do que trabalhar, pensar, sentir, sem uma necessidade interior, sem uma escolha profundamente pessoal, *sem prazer*? Como autómato do «dever»? Eis justamente a *receita da decadence*, do próprio idiotismo... Kant tornou-se idiota. E era ele contemporâneo de *Goethe*! Esse homem com destino de aranha surgia como o *filósofo alemão* por excelência – e ainda surge!... Abstenho-me de dizer o que penso dos Alemães... Não viu Kant na Revolução Francesa a transição da forma inorgânica para a forma *orgânica* do Estado? Não se interrogou a si próprio se existiria alguma ocorrência que fosse explicável apenas por uma disposição moral da humanidade, de tal modo que por ela ficasse *provada*, de uma vez para sempre, «a tendência da humanidade para o bem»? Resposta de Kant: «É a Revolução». O instinto que em tudo se engana, a *contra-natureza* como instinto, a *decadence* alemã como filosofia – *eis o que é Kant!*





12

Ponho de lado alguns cépticos, o exemplo decente na história da filosofia: quanto aos restantes, ignoram as primordiais exigências da probidade intelectual. Todos esses grandes exaltados e prodígios fazem como as mulherzinhas – tomam logo por argumentos os «belos sentimentos», por sopro da divindade o «peito erguido», a convicção por um *critério* de verdade. Já no fim, tentou ainda Kant, com «alemã» inocência, transformar em ciência essa forma de corrupção, essa falta de consciência intelectual, a coberto da noção de «razão prática»: inventou expressamente uma razão para o caso em que não há que preocupar-se com a razão, ou seja, quando a moral, quando a exigência sublime «tu deves» se faz ouvir. Se se considerar que em quase todos os povos o filósofo é apenas o prolongamento do tipo sacerdotal, já não nos surpreende essa herança do sacerdote, a *simulação perante si próprio*. Quando alguém tem tarefas sagradas – por exemplo, tornar os homens melhores, salvá-los, redimi-los –, quando no peito se traz a divindade, quando se é o porta-voz de imperativos ultraterrenos, com tal missão coloca-se já para além de toda a avaliação simplesmente intelectual – *ele próprio* está já santificado por uma tal tarefa, é já o tipo de uma hierarquia superior!... Que interessa a *ciência* de um sacerdote? Encontra-se para ela excessivamente alto! E o sacerdote *reinou* até agora! *Determinava* os conceitos de «verdadeiro» e de «falso»!...

13

Não minimizemos o seguinte: *nós próprios*, nós, espíritos livres, somos já uma «transmutação» de todos os valores, uma *viva* declaração de guerra e de vitória a todos os velhos conceitos do «verdadeiro» e do «falso». Os conhecimentos mais valiosos são os que mais tardiamente se adquirem; mas os mais preciosos discernimentos são os *métodos*. Todos os métodos, todos os pressupostos do nosso actual espírito científico foram alvo, durante milénios, do mais profundo desprezo; por eles, era-se excluído do convívio com os homens «honestos» – passava-se por «inimigo de Deus», desprezador da verdade, por «pos-

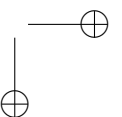
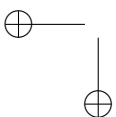




seu». Como carácter científico, era-se *tchandala*... Tínhamos contra nós todo o *pathos* da humanidade – o seu conceito do que *deve* ser verdade, do que *deve* ser o serviço da verdade: cada um dos «tu deves» era, até agora, *contra* nós dirigido... Os nossos projectos, as nossas práticas, o nosso estilo silencioso, circunspecto, desconfiado, tudo isso lhes parecia absolutamente indigno e desprezível. Por fim, seria permitido interrogar-se, com alguma razão, se não foi realmente um gosto *estético* o que manteve a humanidade numa tão prolongada cegueira: exigia da verdade um efeito *pitoresco*, e exigia igualmente que o cognoscente agisse com força sobre os sentidos. Por isso, a nossa modéstia foi, durante tanto tempo, contrária ao seu gosto... Oh, como eles o adivinhavam, esses perus de Deus!

14

Tivemos de mudar as nossas concepções. Tornámo-nos, em todos os aspectos, mais modestos. Já não fazemos descender o homem do «espírito», da «divindade», repusemo-lo entre os animais. Para nós, ele é o animal mais forte, porque é também o mais ardiloso: disso é uma consequência a sua espiritualidade. Opomo-nos, por um lado, a uma vaidade que a este respeito muito gostaria novamente de se fazer ouvir: ver o homem como se tivesse sido o grande desígnio secreto da evolução animal. Ele não é de modo algum a coroa da criação; todo o ser se encontra, a par dele, no mesmo grau de perfeição... E ao afirmarmos tal, asserimos ainda demasiado: o homem é, em termos relativos, o animal mais falhado, o mais doente, o mais perigosamente desviado dos seus instintos – sem dúvida também, com tudo isso, o *mais interessante*! No tocante aos animais, Descartes foi o primeiro, com louvável ousadia, a aventurar-se à ideia de compreender o animal como *machina*: toda a nossa fisiologia se esforça por comprovar este princípio. Por isso, logicamente, não pomos de parte o homem, como Descartes ainda fazia: tudo o que hoje se pensa do homem em geral é dentro desta concepção do homem como *machina*. Outrora, atribuía-se ao homem, como dote a partir de um mundo superior, a «vontade





livre»; hoje, até a vontade lhe retirámos, no sentido de que por ela já não se pode entender uma faculdade. O antigo termo «vontade» serve apenas para designar uma resultante, uma espécie de reacção individual que, necessariamente, se segue a um conjunto de estímulos, em parte antagónicos, em parte concordantes – a vontade já não «age», já não «move»... Outrora, via-se na consciência do homem, no seu «espírito», a prova da sua origem superior, da sua divindade; para *aperfeiçoar* o homem, aconselhavam-no, à semelhança da tartaruga, a recolher em si os seus sentidos, a cessar a relação com o mundo terreno, a desprender-se do «invólucro mortal»: então restaria dele o principal, o «espírito puro». Também aqui mudámos de ideias, e para melhor: o tornar-se consciente, o «espírito» surge-nos justamente como sintoma de uma relativa imperfeição do organismo, como um ensaio, um tactear, um errar o alvo, como uma faina em que desnecessariamente se consome muita energia nervosa – negamos que qualquer coisa se possa fazer com perfeição enquanto se fizer ainda de um modo consciente. O «puro espírito» é uma estupidez pura: se se retirar o sistema nervoso e os sentidos, o «invólucro mortal», *cometemos um erro* – e nada mais!...

15

No Cristianismo, nem a moral nem a religião contactam em ponto algum com a realidade. Somente *causas* imaginárias («Deus», «alma», «espírito», o «livre» ou também o «não livre-arbítrio»); só *efeitos* imaginários («pecado», «salvação», «graça», «castigo», «remissão dos pecados»). Uma convivência entre *seres* imaginários («Deus», «espíritos», «almas»); uma ciência *natural* imaginária («antropocêntrica»; carência total do conceito de causas naturais); uma *psicologia* imaginária (só erros sobre si mesmo, interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou desagradáveis, por exemplo dos estados do *nervus sympathicus*, com auxílio da linguagem simbólica da idiosincrasia religioso-moral – «arrependimento», «remorso», «tentação do demónio», «presença de Deus»); uma *teologia* imaginária («o Reino de Deus», o «juízo final», a «vida eterna»). Este mundo de *ficções* puras distingue-se, para des-





vantagem sua, do mundo dos sonhos, o qual *reflecte* pelo menos a realidade, ao passo que ele falseia, desvaloriza e nega a realidade. Depois de se ter criado o conceito «natureza» como noção oposta a «Deus», «natural» transformou-se necessariamente em sinónimo de «desprezível» – todo esse mundo de ficções tem a sua raiz no *ódio* contra o natural (a realidade!), é a expressão de um profundo mal-estar perante o real... *Mas assim tudo se explica*. Quem tem razões para, através da mentira, se *evadir* da realidade? Quem por causa dela *sofre*. Mas sofrer por causa da realidade equivale a ser uma realidade *infeliz*:... A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a *causa* de uma moral e de uma religião fictícias; semelhante predomínio fornece a *fórmula* para a *décadence*...

16

Uma crítica do *conceito cristão de Deus* compele à mesma conclusão. Um povo que ainda acredita em si tem também ainda o seu Deus próprio. Nele venera as condições que o tornam vitorioso, as suas virtudes – projecta o prazer que tem em si, o seu sentimento de poder, num Ser a quem por isso pode dar graças. Quem é rico quer dar; um povo orgulhoso precisa de um Deus a quem *sacrificar*...

A religião é, nestas condições, uma forma de agradecimento. É um agradecimento a si mesmo: eis para que se precisa de um Deus. Semelhante Deus deve poder ser útil e prejudicar, deve poder ser amigo e inimigo – é admirado tanto no bem como no mal. A castração *antinatural* de um Deus para dele fazer um Deus unicamente do bem ficaria aqui fora de toda a esfera do desejo. Tanto se precisa do Deus mau como do bom: não é justamente à tolerância, à filantropia que se deve a própria existência... Que haveria num Deus que não conhecesse nem a cólera, nem a vingança, nem a inveja, nem o desdém, nem a astúcia, nem a violência, que ignorasse porventura os cativantes *ardeurs* da vitória e da destruição? Semelhante Deus não se compreenderia: então, para que o ter? Sem dúvida, quando um povo entra em colapso; quando sente esvaír-se para sempre a *fé* no futuro, a sua esperança na





liberdade; quando a submissão se lhe afigura de primeira utilidade e as virtudes dos servos se insinuam na consciência como condições de sobrevivência, então *há* também que mudar o seu Deus. Torna-se agora sonso, medroso, humilde, aconselha a «paz de alma», a ausência do ódio, a indulgência, até o «amor» aos amigos e aos inimigos. Moraliza constantemente, rasteja para a caverna de cada virtude privada, faz-se o Deus de toda a gente, torna-se simples particular, cosmopolita... Outrora, representava um povo, a força de um povo, tudo o que de agressivo e sedento de poder existe na alma de um povo: agora é simplesmente o Deus bom... De facto, não há para os deuses outra alternativa: *ou* são a vontade do poder – e enquanto o forem serão deuses de um povo – *ou* são a impotência do poder – e então tornam-se forçosamente bons...

17

Onde quer que, de qualquer forma, a vontade de poder se encontre em declínio, há sempre também uma regressão fisiológica, uma *décadence*. A divindade da *décadence*, castrada nas suas virtudes e nos seus impulsos viris, converte-se forçosamente no Deus dos fisiologicamente regredidos, dos fracos. Esses *não* se chamam a si mesmos «fracos»; dizem-se «bons»... Compreende-se, sem necessidade de ser perito, em que momentos da história se torna possível a ficção dualista de um Deus bom e de um Deus mau. O mesmo instinto com que os submissos reduzem o seu Deus ao «bem em si» apaga as boas propriedades do Deus dos seus vencedores; vingam-se dos seus senhores, *demonizando* o Deus destes. Tanto o Deus *bom* como o diabo são produtos da *décadence*. Como é possível, ainda hoje, condescender de tal forma com a tolice dos teólogos cristãos que com eles se decreta que a evolução do conceito de Deus, desde o «Deus de Israel», o deus de um povo, até ao Deus cristão, encarnação de todo o bem, é um *progresso*? Mas foi o que o próprio Renan fez. Como se Renan tivesse direito à tolice! E, no entanto, o que salta à vista é o contrário! Quando os pressupostos da vida *ascendente*, tudo o que é forte, valoroso, dominante, orgulhoso,



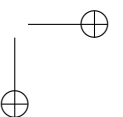
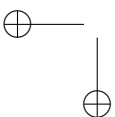


se eliminam do conceito de Deus; quando Este, passo a passo, decai e degenera em símbolo de um bastão para cansados, de uma tábua de salvação para os que se afogam; quando se torna o deus dos miseráveis, o deus dos pecadores, o deus dos doentes *par excellence*, e o atributo «Salvador», «Redentor» resta, por assim dizer, como o predicado divino em geral: o que dirá uma tal metamorfose, uma tal *redução* do divino? Sem dúvida, o «Reino de Deus» tornou-se ainda maior. Outrora, tinha apenas o seu povo, o seu povo «eleito».

Entretanto, tal como o seu povo, foi para o exílio, para a errância e, desde então, nunca mais se fixou em lugar algum – até que, por fim, em toda a parte se sentiu em sua casa, o grande cosmopolita, até ter do seu lado «o grande número» e a metade da Terra. Mas o Deus do «grande número», o democrata entre os deuses, não se tornou todavia um orgulhoso deus pagão: permaneceu judeu, continuou a ser o deus das esquinas, o deus dos recantos e lugares escuros, de todos os bairros insalubres do mundo inteiro!... O seu reino universal é, agora como dantes, um reino de submundo, um hospital, um *reino-souterrain*, um reino-gueto... E ele próprio tão pálido, tão fraco, tão *décadent*... Até os mais pálidos de entre os pálidos dele se tornaram senhores, os senhores metafísicos, os albinos do conceito. Estes teceram durante tanto tempo em seu redor que, hipnotizado pelos seus movimentos, ele próprio se transformou em aranha, ele próprio se tornou metafísico. Então, voltou a desfiar o mundo a partir de si – *sub specie Spinozae*. Transfigurou-se então em algo cada vez mais ténue, mais pálido, fez-se «ideal», «espírito puro», «*absolutum*», «coisa em si»... A ruína de um Deus: Deus tornou-se «coisa em si»...

18

O conceito cristão de Deus – Deus como Deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é um dos mais corruptos conceitos de Deus que sobre a Terra se obtiveram: representa até, possivelmente, o mais baixo nível da evolução declinante do tipo divino. Deus degenerado em *contradição com a vida*, em vez de ser a sua glorificação e o





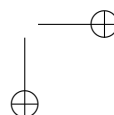
seu eterno sim! Expresso em Deus o ódio à vida, à natureza, à vontade de viver! Deus, a fórmula para toda a difamação do «aquém», para toda a mentira do «além»! O nada divinizado em Deus, a vontade do nada santificada!...

19

Que as vigorosas raças do Norte da Europa não tenham rejeitado o Deus cristão, eis o que não honra de modo algum o seu talento religioso – para já não falar do seu gosto. *Deveriam* ter acabado com esse monstruoso produto da *décadence*, mórbido e senil. Mas, porque com ele não acabaram, impende sobre elas um anátema: absorveram em todos os seus instintos, a doença, a senilidade, a contradição – desde então, não voltaram a *criar* deus algum! Quase dois milénios decorridos e nem um único deus novo! Mas apenas subsistindo sempre e como que por direito, como um *ultimatum e maximum* da força criadora do divino, do *creator spiritus* no homem, esse miserável Deus do monotonoteísmo cristão! Esse híbrido produto ruinoso, feito de zero, de conceito e de contradição, em que a sua sanção encontra todos os instintos de *décadence*, todas as cobardias e fadigas da alma!

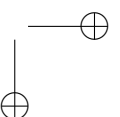
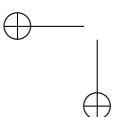
20

Não desejava, com a minha condenação do Cristianismo, ter prejudicado uma religião similar que, até pelo número dos que a professam, lhe é superior: o *Budismo*. Ambas se equiparam enquanto religiões niilistas – são religiões de *décadence* –, mas divergem do modo mais notável. O crítico do Cristianismo está profundamente grato aos sábios hindus por lhe ser, hoje, possível *compará-las*. O Budismo é cem vezes mais realista do que o Cristianismo; tem em si a herança de saber formular os problemas de modo objectivo e frio, surge *após* séculos de actividade filosófica; o conceito «Deus» já não subsiste, quando ele entra em cena. O Budismo é a única religião verdadeiramente *positivista* que a história nos revela, até na sua teoria do conhecimento (um fenomenalismo estrito); já não diz «luta contra o *pecado*», mas, conferindo





inteiramente o direito à realidade, «luta contra o *sofrimento*». Deixa já atrás de si – e isso distingue-o profundamente do Cristianismo – o auto-engano dos conceitos morais; situa-se, para falar na minha linguagem, *para além* do bem e do mal. Os *dois* factos fisiológicos em que se apoia e que toma em consideração são: *primeiro*, uma excitabilidade enorme da sensibilidade, que se exprime como refinada capacidade de sofrer; *depois*, uma hiperespiritualização, uma vida demasiado longa nos conceitos e processos lógicos, em que o instinto pessoal foi lesado em proveito do «impessoal» (dois estados que, pelo menos, alguns dos meus leitores, «os objectivos», conhecerão como eu, por experiência própria). Em virtude destas condições fisiológicas, surge uma *depressão*: Buda luta contra ela por meio da higiene. Serve-se da vida ao ar livre, da vida nómada; emprega a temperança e a selecção na dieta; a precaução relativamente às bebidas alcoólicas; igual precaução contra todas as emoções que produzem a bílis e aquecem o sangue; a ausência de preocupações, quer a respeito de si, quer de outrem. Exige representações que proporcionem repouso ou suscitem alegria – e encontra meios de se livrar das restantes. Olha a bondade, o estado de bondade como favorável à saúde. Exclui-se a *oração*, bem como a ascese; nenhum imperativo categórico, nenhuma coacção em geral, nem sequer dentro da comunidade conventual (pode voltar-se a sair dela). Tudo isto seriam meios para reforçar aquela enorme excitabilidade. Eis justamente porque é que o Budismo não exige a luta contra os que pensam de outro modo; a sua doutrina não luta senão contra o sentimento de vingança, a aversão, o *ressentiment* («não é pelo ódio que se porá fim à hostilidade»: o refrão comovedor de todo o Budismo...). E com razão: essas emoções seriam justamente de todo *insalubres* quanto à intenção dietética principal. A fadiga espiritual que se lhe depara e se exprime numa excessiva «objectividade» (ou seja, «enfraquecimento do interesse individual», perda do equilíbrio, do «egoísmo»), combate-a ele por uma forte referência à própria *pessoa* dos interesses espirituais. Na doutrina de Buda, o egoísmo converte-se em dever: o «uma só coisa é necessária», o «como *te* libertares do sofrimento» rege e delimita toda





a dieta espiritual (pode talvez pensar-se naquele ateniense que declarou igualmente guerra à pura «cientificidade», Sócrates, que, mesmo no domínio dos problemas, elevou a moral o egoísmo pessoal).

21

O pressuposto do Budismo é um clima muito suave, uma grande gentileza e liberalidade nos costumes, *nenhum* militarismo; e que seja nas castas superiores e até sábias que o movimento tenha o seu foco. Quer-se como fim supremo a serenidade, o silêncio, a ausência do desejo, e *atinge-se* o seu objectivo. O Budismo não é uma religião em que simplesmente se aspira à perfeição: a perfeição é o caso normal.

No Cristianismo, realçam-se os instintos dos servos e dos oprimidos: são as castas mais baixas que nele procuram a sua salvação. Exercita-se aqui como *ocupação*, como remédio contra o tédio, a casuística do pecado, a autocrítica, o exame da consciência; aqui se mantém invariável (pela oração) a emoção perante um *poderoso* chamado «Deus»: o mais elevado é aqui considerado como inacessível, dom, «graça». Falta também aqui a publicidade: o esconderijo, o lugar obscuro é cristão. Aqui se despreza o corpo e se rejeita a higiene como sensualidade; a Igreja defende-se até da limpeza (a primeira medida dos cristãos, após a expulsão dos Mouros, foi o encerramento dos banhos públicos, dos quais existiam, só em Córdova, duzentos e setenta). Cristão é um certo sentido de crueldade para consigo e para com os outros; o ódio aos que pensam de outro modo; a vontade de perseguir. As ideias mais sombrias e inquietantes ocupam o primeiro plano; os estados mais rebuscados, designados com os mais elevados nomes, são epileptóides; escolhe-se a dieta de modo a favorecer as manifestações mórbidas e a sobreexcitar os nervos. Cristão é o ódio de morte contra os senhores da terra, contra os «nobres» e, ao mesmo tempo, urna rivalidade oculta e secreta (deixa-se-lhes o «corpo», quer-se *apenas* a alma...). Cristão é o ódio contra o *espírito*, contra o orgulho, a coragem, a liberdade, a *libertinage* do espírito; cristão é o ódio contra os *sentidos*, contra a alegria dos sentidos, contra a alegria em geral...



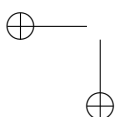


22

O Cristianismo, ao abandonar o seu primeiro solo, as castas inferiores, o *submundo* do mundo antigo, ao procurar o poder entre os povos bárbaros, não tinha aqui já, como pressuposto, homens *fatigados*, mas sim interiormente incultos, que entre si se destruíam – o homem vigoroso, mas inadaptado. O descontentamento consigo mesmo, o sofrimento por si *não* é aqui, como no budista, uma excessiva excitabilidade e capacidade de sofrer, antes, pelo contrário, uma ânsia irreprimível de fazer sofrer, de descarregar a tensão interior através de acções e representações hostis. Para se tornar senhor dos *bárbaros*, o Cristianismo precisou de conceitos e valores *bárbaros*: tais são o sacrifício do primogénito, o beber sangue na Eucaristia, o desprezo pelo espírito e pela cultura; a tortura sobre todas as suas formas, sensível e não-sensível; a grande pompa do culto. O Budismo é uma religião para homens *serôdios*, para raças que se tornaram doces, gentis, excessivamente espirituais, que são hipersensíveis à dor (a Europa ainda não está, nem de longe, amadurecida para ele): é uma recondução das mesmas à paz e à serenidade, à dieta, no âmbito espiritual, a um certo endurecimento no corporal. O Cristianismo quer tornar-se senhor de animais predadores; o seu meio é torná-los *doentes* – o enfraquecimento é a receita cristã para a *domesticação*, para a «civilização». O Budismo é uma religião para o termo e o cansaço da civilização; o Cristianismo nem sequer a encontra diante de si – de certo modo cria-a.

23

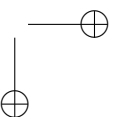
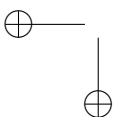
O Budismo, diga-se de novo, é cem vezes mais frio, mais verídico, mais objectivo. Já não precisa de tornar decoroso o seu sofrimento, a sua capacidade para a dor, mediante a interpretação do pecado – diz simplesmente o que pensa: «sofro». Para o bárbaro, pelo contrário, sofrer em si nada tem de digno: precisa primeiro de uma explicação para a si mesmo confessar que sofre (o seu instinto leva-o antes à negação do sofrimento e a suportá-lo em silêncio). A palavra «diabo» foi aqui





uma benesse: tinha-se um inimigo superpoderoso e temível – não era preciso envergonhar-se de sofrer por causa de tal inimigo.

O Cristianismo tem no seu fundamento alguns requintes que pertencem ao Oriente. Sabe, antes de mais, que é em si de todo indiferente se algo é verdadeiro, mas é da maior importância *enquanto* se tomar como verdadeiro. A verdade e a *fé* de que algo seja verdadeiro: eis dois mundos de interesses inteiramente divergentes, quase dois mundos *antagónicos* – chega-se a um e a outro por caminhos radicalmente diversos. Ser ciente a este respeito – quase constitui o sábio no Oriente: assim o entendem os brâmanes, assim o entende Platão, assim o entende também todo o discípulo da sabedoria esotérica. Se, por exemplo, há alguma *felicidade* em julgar-se livre do pecado, não é necessário como pressuposto que o homem seja pecador, mas que ele se *sinta* pecador. Porém, se a *fé* é em geral o mais necessário, deve então desacreditar-se a razão, o conhecimento, a investigação: o caminho para a verdade torna-se um caminho *proibido*. A *esperança* forte é um *stimulans* da vida muito maior do que qualquer felicidade isolada que ocorra na realidade. Importa sustentar os que sofrem com uma esperança que nenhuma realidade possa contradizer – e que nenhuma satisfação *remova*: uma esperança no Além. (Justamente devido a esta capacidade de entreter o infeliz é que a esperança surgia entre os Gregos como o mal dos males, como o mal *astucioso* por excelência: ficava na caixa do mal). Para que o *amor* seja possível, Deus deve ser uma pessoa; para que os instintos ínfimos se possam expressar, Deus deve ser jovem. Para o fervor das mulheres, há que pôr em primeiro plano um belo santo; para o dos homens, uma Virgem Maria. Isto no pressuposto de que o Cristianismo pretende tornar-se senhor num terreno onde o culto de Afrodite ou de Adónis já determinou o *conceito* do culto. A exigência de *castidade* reforça a veemência e a interioridade do instinto religioso – torna o culto mais ardente, mais entusiasta, mais intenso. O amor é o estado em que o homem vê sobretudo as coisas como elas *não* são. A força ilusória está aqui no seu clímax, bem como a força suavizante e *radiosa*. No amor, suporta-se mais do que de outro modo,





tolera-se tudo. Importava, pois, inventar uma religião em que se pudesse amar: está-se assim para além do que de pior há na vida – isso deixa até de se ver. Já chega a propósito das três virtudes cristãs, fé, caridade, esperança: chamo-lhes as três *habilidades* cristãs. O Budismo é demasiado tardio, demasiado positivista para ainda ser deste modo habilidoso.

24

Afloro aqui apenas o problema da origem do Cristianismo. A *primeira* proposição para a sua solução reza assim: o Cristianismo tem de se compreender unicamente a partir do solo em que cresceu – *não* é um movimento de reacção contra o instinto judaico, é a sua própria consistência lógica, uma conclusão mais ampla na sua lógica temível. Na fórmula do Redentor: «A salvação vem dos Judeus». A *segunda* proposição soa assim: o tipo psicológico do Galileu é ainda recognoscível, mas só na sua plena degeneração (que é ao mesmo tempo mutilação e sobrecarga com rasgos estranhos) é que pôde servir para o uso que dele se fez, para o tipo de um *Salvador* da Humanidade.

Os Judeus são o povo mais singular da História Universal porque, postos diante da questão do ser e do não-ser, preferiram, com uma consciência perfeitamente sinistra, o ser *a qualquer preço*; semelhante preço foi a *falsificação* radical de toda a natureza, de toda a naturalidade, de toda a realidade, de todo o mundo tanto interior como exterior. Delimitaram-se a si mesmos *contra* todas as condições sob as quais até então um povo podia viver, deveria viver; transformaram-se no conceito antagónico das condições *naturais* – sucessivamente e de um modo irremediável, perverteram a religião, o culto, a moral, a História e a psicologia e fizeram deles a *contradição dos seus valores naturais*. Deparamos mais uma vez com este mesmo fenómeno e elevado a proporções incalculáveis, se bem que apenas como cópia: a Igreja Cristã, em comparação com o «povo dos santos», carece de toda a pretensão à originalidade. Os Judeus são, pois, o povo *mais funesto* da História Universal: no seu efeito ulterior, de tal modo falsearam a





Humanidade que ainda hoje o cristão se pode sentir anti-judeu, sem a si mesmo se compreender como a *última consequência do judaísmo*.

Na minha *Genealogia da Moral*, mostrei pela primeira vez de modo psicológico o conceito antagónico de uma moral *nobre* e de uma moral do *ressentiment*, nascida esta última do *não* contra a primeira: eis cabalmente a moral judaico-cristã. Para poder dizer não a tudo o que na terra representa o movimento *ascendente* da vida, o são desenvolvimento, o poder, a beleza, a auto-afirmação, importava aqui que o instinto de *ressentimento*, transformado em génio, inventasse para si um outro mundo, a partir do qual a *afirmação da vida* lhe surgisse como o mal, como o reprovável em si. Indagado à luz da psicologia, o povo judeu é um povo da mais tenaz força vital que, colocado em condições impossíveis, toma livremente, por uma profundíssima habilidade de autoconservação, o partido de todos os instintos de *décadence* – *não* enquanto por eles dominado, mas porque neles adivinha um poder com que se podia impor *contra* «o mundo». Os Judeus são o contrário de todos os *décadents*: tiveram de os *representar* até à ilusão, tiveram de se pôr conscientemente, com um *non plus ultra* do génio teatral, à frente de todos os movimentos de *décadence* (como o Cristianismo de *Paulo*), para deles fazer algo que é mais forte do que qualquer partido *que diz sim* à vida. A *décadence*, para o tipo de homem que no Judaísmo e no Cristianismo aspira ao poder, é uma linhagem *sacerdotal*, unicamente um *meio*: este tipo de homem tem um interesse vital, a saber, tornar a Humanidade doente e perverter os conceitos de «bem» e «mal», de «verdadeiro» e «falso», num sentido perigoso para a vida e infamante para o mundo.

A história de Israel é inestimável como história típica de toda a *desnaturalização* dos valores da natureza: aponto dela cinco factos. Originariamente, sobretudo no tempo da realeza, Israel encontrava-se também perante todas as coisas na relação *justa*, isto é, na relação natural. O seu Iavé era a expressão da consciência de poder, do prazer e da





esperança em si mesmos: esperava-se dele a vitória e a salvação, com ele confiava-se na natureza e que ela dispensaria o que é necessário ao povo – acima de tudo a chuva. Iavé é o Deus de Israel e, *por conseguinte*, o Deus da justiça: a lógica de todo o povo que está na posse do poder e dele tem uma boa consciência. É no culto festivo que se expressam estes dois aspectos de auto-afirmação de um povo: mostra-se grato pelos grandes destinos, que o enalteceram, mostra-se reconhecido em relação ao ciclo anual e por todo o êxito na criação de animais e na agricultura. Este estado de coisas permaneceu ainda durante muito tempo o ideal, mesmo quando foi abolido da maneira mais triste: a anarquia no interior, os Assírios no exterior. Mas o povo conservou a sua mais alta aspiração e visão de um rei que é um bom soldado e um severo juiz: sobretudo aquele profeta típico (que se chama o crítico e satírico do instante), Isaías. Mas toda a esperança ficou por realizar. O Deus antigo já não *podia* o que outrora pudera. Deveria ter-se a ele renunciado. O que aconteceu? Modificou-se o seu conceito – desnaturalizou-se a sua noção: e foi a esse preço que ele se conservou. Iavé, o Deus da «justiça», *já não* constitui uma unidade com Israel, uma expressão de autoconfiança de um povo: é apenas ainda um Deus sob condições... O seu conceito torna-se um instrumento nas mãos de agitadores sacerdotais, que agora interpretam toda a felicidade como prémio, toda a infelicidade como castigo pela desobediência perante Deus, pelos «pecados»: aquele estilo interpretativo falsíssimo de uma pretensa «ordem moral do mundo» com que, de uma vez por todas, se subverte o conceito natural de «causa» e «efeito». Se primeiro se removeu do mundo, com o prémio e o castigo, a causalidade natural, precisa-se de uma causalidade *antinatural*: todo o resto se segue agora da inatureza. Um Deus que *exige*, em vez de um Deus que ajuda, que dispensa conselhos, que no fundo é a expressão para a toda feliz inspiração da coragem e da autoconfiança... A *moral* já não é a expressão das condições de vida e de crescimento de um povo, já não é o seu instinto subjacente de vida, mas tornou-se abstracta, a oposição à vida – a moral como deterioração fundamental da fantasia, como «mau-olhado» para todas as coisas.

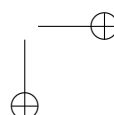
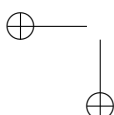




O que é a moral judaica, o que é moral cristã? O acaso despojado da sua inocência; a infelicidade manchada com o conceito de «pecado»; o bem-estar como perigo, como «tentação»; o mal-estar fisiológico envenenado com o verme da consciência...

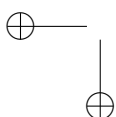
26

Falseado o conceito de Deus; falseado o conceito de moral – os sacerdotes judeus não se detiveram aí. Não se podia utilizar toda a *história* de Israel: fora com ela! Estes sacerdotes levaram a cabo o prodígio de falsificação de que permanece como documento uma boa parte da Bíblia: com um desdém sem igual por toda a tradição e perante toda a realidade histórica, *traduziram em termos religiosos* o seu próprio passado nacional, isto é, fizeram dele um estúpido mecanismo de salvação da culpa perante Iavé e castigo, de piedade para com Iavé e recompensa. Sentiríamos com muito maior dor este ignominioso acto de falsificação da história, se a interpretação histórica *eclesiástica* de milénios não nos tivesse tornado quase insensíveis às exigências da probidade *in historicis*. E os filósofos secundaram a Igreja: a mentira da «ordem moral do mundo» insinua-se ao longo de toda a evolução, mesmo na filosofia mais moderna. Que significa a «ordem moral do mundo»? Que existe, de uma vez por todas, uma vontade de Deus, acerca do que o homem deve ou não fazer; que o valor de um povo, de um indivíduo, se avalia em conformidade com a sua maior ou menor obediência à vontade de Deus; que nos destinos de um povo, de um indivíduo, se revela como *dominante* a vontade de Deus, isto é, como castigando e recompensando, segundo o grau de obediência. A *realidade*, em vez desta miserável mentira, significa: uma espécie parasita de homem, que só prospera à custa de todas as criações sãs da vida, o *sacerdote*, abusa do nome de Deus: chama «reino de Deus» a um estado de coisas em que o sacerdote é que determina o valor das coisas; chama «vontade de Deus» aos meios em virtude dos quais semelhante estado se alcança ou se mantém; com um cinismo glacial, avalia os povos, as épocas, os indivíduos, conforme foram úteis ou se





opuseram à preponderância sacerdotal. Veja-se na sua obra: nas mãos dos sacerdotes judeus, a *grande* época da história de Israel tornou-se uma época de decadência; o exílio, o longo infortúnio, transformou-se num castigo eterno pela grande época – pela época em que o sacerdote ainda era nada... De figuras poderosas, muito livres, da história de Israel, fizeram, segundo a necessidade, miseráveis hipócritas e beatos ou «ímpios», simplificaram a psicologia de cada grande acontecimento em fórmula idiota de «obediência *ou* desobediência a Deus». Ainda mais um passo: a «vontade de Deus», isto é, as condições de conservação do poder do sacerdote, deve ser *conhecida* – para tal propósito precisa-se de uma «revelação». Em vernáculo: torna-se necessária uma grande falsificação literária, descobre-se uma «Sagrada Escritura» – torna-se pública com toda a pompa hierática, com jejuns e lamentações por causa do longo «pecado». A «vontade de Deus» estava de há muito determinada: todo o mal residia no alheamento em relação à «Sagrada Escritura»... Já a Moisés fora revelada a «vontade de Deus»... Que sucedera? O sacerdote, com rigor, com pedantismo, formulara de uma vez por todas os grandes e pequenos tributos que se lhe hão-de pagar (não esquecer os mais saborosos pedaços de carne: com efeito, o sacerdote é um devorador de bife), *o que ele quer ter*, «o que é a vontade de Deus»... Doravante, todas as coisas da vida se encontram de tal modo ordenadas que o sacerdote é *por toda a parte indispensável*; em todas as ocorrências naturais da vida, no nascimento, no casamento, na doença, na morte, para não falar já do sacrifício («a ceia»), aparece o santo parasita, para os *desnaturalizar*: na sua linguagem, para os «santificar»... Importa, pois, compreender isto: todo o costume natural, toda a instituição natural (o Estado, a justiça, o casamento, a assistência prestada aos doentes e aos pobres), toda a exigência inspirada pelo instinto da vida, em suma, tudo o que tem o seu valor em si é transformado, graças ao parasitismo do sacerdote (ou da «ordem moral do mundo»), em algo de fundamentalmente sem valor e contrário ao valor: necessita-se subsequentemente de uma sanção – torna-se imperativo um poder *outorgante de valor*; que negue nele a natureza e *crie* assim por isso





mesmo um valor... O sacerdote desvaloriza, *profana* a Natureza: é a esse preço que ele em geral subsiste. A desobediência a Deus, isto é, ao sacerdote, à «lei», recebe agora o nome de «pecado»; os meios para de novo se «reconciliar com Deus» são, como é justo, meios com que se garante ainda mais profundamente a sujeição ao sacerdote: só o sacerdote «salva»...

Examinados à luz da psicologia, os «pecados» tornam-se indispensáveis em toda a sociedade sacerdotalmente organizada: são os autênticos detentores do poder, o sacerdote *vive* dos pecados, tem necessidade de que se «peque»... Princípio supremo: «Deus perdoa a todo o que faz penitência» – em vernáculo: *que se sujeita ao sacerdote*.

27

O *Cristianismo* cresceu assim num terreno *falso*, onde toda a natureza, todo o valor natural, toda a *realidade* tinha contra si os mais profundos instintos da classe dominante, uma forma de rancor mortal contra a realidade, que até agora não foi ultrapassada. O «povo eleito», que conservou para todas as coisas apenas valores sacerdotais, apenas palavras de sacerdote, e que, com uma lógica concludente, que pode inspirar o temor, havia separado de si, como «ímpio», como «mundo», como «pecado», tudo o que ainda subsistia no poder sobre a terra – engendrou para o seu instinto uma última fórmula, que era lógica até à autonegação: negou, enquanto Cristianismo, ainda a última forma da realidade, o «povo santo», o «povo dos eleitos», a própria realidade *judaica*. O caso é de primeira ordem: o pequeno movimento insurreccional, que foi baptizado com o nome de Jesus de Nazaré, é *ainda mais uma vez*, o instinto judaico – por outras palavras, o instinto sacerdotal que já não suporta o sacerdote como realidade, a invenção de uma forma de existência ainda *mais umbrática*, de uma visão do mundo ainda mais *irreal*, do que a que condiciona a organização de uma Igreja. O Cristianismo *nega* a Igreja...

Não diviso contra quem se dirigia a insurreiçãõ da qual Jesus passou ou falsamente foi tido por seu autor, se tal insurreiçãõ não se dirigia

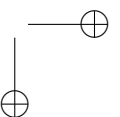
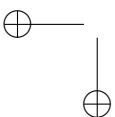




contra a Igreja judaica, Igreja tomada exactamente no sentido que hoje atribuímos a esta palavra. Era uma insurreição contra «os bons e os justos», contra os «santos de Israel», contra a hierarquia da sociedade – *não* contra a sua corrupção, mas contra a casta, o privilégio, a ordem, a fórmula; era a descrença nos «homens superiores», o *não* pronunciado contra tudo o que era sacerdote e teólogo. Mas a hierarquia que assim foi posta em causa, se bem que também apenas por um instante, era a jangada em que ainda se apoiava o povo judaico no meio da «água», a *última* possibilidade laboriosamente obtida de sobreviver, o *residuum* da sua existência política autónoma; o ataque contra ela era um ataque contra o mais profundo instinto popular, contra a mais tenaz vontade de viver de um povo, que alguma vez existiu sobre a Terra. Este santo anarquista, que intimava o povo mais baixo, os ostracizados e os «pecadores», os *tchandala* no interior do judaísmo, à resistência contra a ordem dominante – com uma linguagem que, caso se pudesse confiar nos Evangelhos, ainda hoje conduziria à Sibéria –, era um criminoso político, pelo menos tanto quanto eram possíveis criminosos políticos numa comunidade *absurdamente apolítica*. Isto levou-o à cruz: prova-o a inscrição da cruz. Morreu pelo *seu* pecado – não há razão alguma, apesar de tantas vezes se ter afirmado, para ter morrido pelos pecados dos outros.

28

Uma questão de todo diversa é saber se ele teve uma tal oposição em geral na consciência ou se apenas nele se *percepcionou* essa oposição. E só aqui afloro o problema da *psicologia do Salvador*. Confesso que leio poucos livros com tais dificuldades como os Evangelhos. Semelhantes dificuldades são diferentes daquelas em cuja demonstração a erudita curiosidade do espírito alemão festejou um dos seus mais inesquecíveis triunfos. Longe vai o tempo em que também eu, como qualquer jovem erudito, saboreava com a prudente lentidão de um filólogo refinado a obra do incomparável Strauss. Tinha eu então vinte anos: agora sou demasiado sério para isso. Que me importam as con-

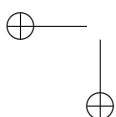




tradições da «tradição»? Como pode dar-se o nome de «tradição» em geral a lendas de santos? As histórias de santos são a literatura mais ambígua que alguma vez existiu: aplicar-lhes o método científico, *se não existem outros documentos*, parece-me um processo condenado *a priori* – simples ociosidade erudita...

29

O que me interessa é o tipo psicológico do Salvador. Este *poderia* estar contido nos Evangelhos a despeito dos Evangelhos, por mais mutilado ou sobrecarregado que esteja com traços estranhos: tal como o de Francisco de Assis se conserva nas suas lendas, não obstante as suas lendas. *Não* interessa a verdade sobre o que ele fez, sobre o que disse, sobre o modo como morreu, mas a questão é saber *se* ainda nos é possível imaginar o seu tipo em geral, se ele foi «conservado pela tradição»? As tentativas que conheço de, a partir dos Evangelhos, extrair a *história* de uma «alma», parecem-me prova de uma detestável frivolidade psicológica. O senhor Renan, esse arlequim *in psychologicis*, forneceu para a sua explicação do tipo de Jesus os dois conceitos *mais inadequados* que aqui se podem dar: o conceito de *génio* e o conceito de *herói*. Justamente o contrário de toda a luta, de todo o sentimento belicoso, tornou-se ali instinto: a incapacidade de resistência muda-se aqui em moral («não resistas ao mal», a palavra mais profunda dos Evangelhos, a sua chave em certo sentido), a beatitude na paz, na doçura, no não-poder-ser-inimigo! Que significa a «Boa Nova»? Encontrou-se a verdadeira vida, a vida eterna – não é prometida, está aqui, está *em vós*: como vida no amor, no amor sem retraimento e exclusão, sem distância. Cada um é filho de Deus – Jesus nada absolutamente pretende só para si, como filho de Deus –, cada um é igual a todos... Fazer de Jesus um herói! E que mal-entendido não é a palavra «*génio*»! Todo o nosso conceito, o nosso conceito cultural de «espírito» não tem nenhum sentido no mundo em que Jesus vive. Com a linguagem rigorosa do fisiólogo, estaria aqui melhor no seu lugar uma palavra de todo diferente: a palavra idiota. Conhecemos um estado de irritação mórbida





do *sentido do tacto*, que se retrai perante cada acto de contacto, perante toda a captação de um objecto sólido. Traduz-se semelhante *habitus* fisiológico para a sua lógica derradeira – como ódio instintivo contra toda a realidade, como fuga para o «impalpável», para o «incompreensível», como aversão contra toda a fórmula, todo o conceito de tempo e de espaço, contra tudo o que é sólido, costume, instituição, Igreja; como o estar-em-casa num mundo em que nenhuma espécie de realidade ainda se agita, num mundo simplesmente «interior», num mundo «verdadeiro», num mundo «eterno»... «O reino de Deus está em vós»...

30

O ódio instintivo contra a realidade: consequência de uma extrema capacidade para o sofrimento e a irritabilidade, que em geral já não quer mais ser «tocada», porque sente com demasiada profundidade qualquer contacto.

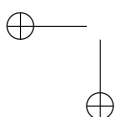
A exclusão instintiva de toda a relutância, de toda a inimizade, de todas as fronteiras e distâncias no sentimento: consequência de uma extrema capacidade para o sofrimento e a irritabilidade, que sente toda a resistência, toda a necessidade de resistir já como um *desprazer* insuportável (isto é, como nocivo, como *desaconselhado* pelo instinto de conservação), e que só conhece a beatitude (o prazer) em não resistir mais, a ninguém mais, nem ao mal, nem ao mau – o amor como única possibilidade da vida...

Eis as duas *realidades fisiológicas* sobre as quais e a partir das quais se desenvolveu a doutrina da redenção. Designo-as como um sublime prolongamento do hedonismo sobre um fundamento inteiramente mórbido. O epicurismo, a doutrina da salvação do paganismo, permaneceu muito afim, se bem que também com um grande subsídio de vitalidade grega e de energia nervosa. Epicuro era um *décadent* típico: foi por mim que, pela primeira vez, foi reconhecido como tal. O medo da dor, mesmo do infinitamente pequeno na dor, não pode acabar de outro modo a não ser numa *religião do amor*...





Fornei antecipadamente a minha resposta ao problema. O pressuposto para ela é que o tipo do Redentor se conservou com uma forte desfiguração. Tal desfiguração tem em si muita verosimilhança: este tipo não podia, por várias razões, manter-se puro, completo, livre de adições. O meio em que se movia esta estranha figura, e mais ainda, a história, o *destino* das primeiras comunidades cristãs, devem nele ter deixado vestígios: a partir dele, por retroacção, o tipo foi enriquecido com traços que só se tornam compreensíveis em virtude da guerra e para fins de propaganda. Aquele mundo estranho e doente, em que os Evangelhos nos introduzem – um mundo como que saído de uma novela russa, onde o lixo da sociedade, a enfermidade nervosa e a idiotia «infantil» parecem ter marcado encontro – deve em todas as circunstâncias ter tornado mais *tosco* o tipo. Os primeiros discípulos, em particular, traduziram primeiro para a sua crueza própria um ser flutuando em símbolos e incompreensibilidades para dele compreenderem em geral alguma coisa – para eles só *existiu* após uma moldagem em formas conhecidas... O Profeta, o Messias, o juiz futuro, o professor de moral, o taumaturgo, João Baptista – outras tantas ocasiões para avaliar indevidamente o tipo... Por fim, não minimizemos o *proprium* de toda a grande veneração, em particular a sectária: apaga no ser venerado os traços originários, muitas vezes penosamente estranhos, e as idiossincrasias – *deixa até de os ver*. Deveria lamentar-se que um Dostoievsky não tenha vivido na proximidade deste interessantíssimo *décadent*, quero dizer, alguém que soubesse sentir justamente o fascínio comovente de uma tal mescla de sublime, de doentio e infantil. Um último ponto de vista: o tipo, enquanto tipo de *décadence*, *poderia* efectivamente ter sido de uma peculiar multiplicidade e contrariedade: tal possibilidade não deve de todo excluir-se. Não obstante, dela tudo parece dissuadir-nos: a tradição deveria neste caso ser notavelmente fiel e objectiva; temos a seu respeito razões para admitir o contrário. Entretanto, há uma contradição entre o pregador das montanhas, dos lagos e dos prados, cuja manifestação é como a de um Buda num terreno muito

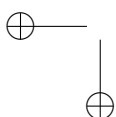




pouco indiano, e aquele fanático da agressão e inimigo mortal dos teólogos e dos sacerdotes, que a malícia de Renan exaltou como «le grand maître en ironie». Eu próprio não duvido de que a copiosa dose de fel (e até de *esprit*) foi derramada sobre o tipo do Mestre só em virtude do estado de agitação da propaganda cristã: conhece-se sobejamente a falta de escrúpulos de todos os sectários em aprontar a sua própria *apologia* a partir do seu mestre. Quando a primeira comunidade precisou de um teólogo justiceiro, querelante, tempestuoso, perversamente capcioso *contra* os teólogos, criou para si o seu «Deus», segundo as suas necessidades: assim como também lhe pôs, sem hesitação, na boca os conceitos de todo contrários ao Evangelho, que agora não poderia dispensar, a «segunda vinda» [de Cristo], o «Juízo Final», toda a espécie de esperança e promessa temporais.

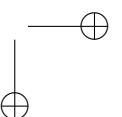
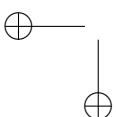
32

Oponho-me, diga-se mais uma vez, a que o fanático se introduza no tipo do Redentor: a palavra *impérieux*, que Renan usa, *anula* já por si só o tipo. A «Boa Nova» consiste justamente em já não existirem antagonismos; o Reino dos Céus pertence às *crianças*; a fé que aqui se faz ouvir não é uma fé adquirida pela luta – ela está aí, está aí desde o princípio, é por assim dizer a ingenuidade que se refugiou no espiritual. O caso da puberdade retardada e não plenamente desenvolvida no organismo como sintoma resultante da degenerescência é familiar, pelo menos, aos fisiólogos. Semelhante fé não se irrita, não censura, não se defende: não usa «a espada» - nem sequer pressente até que ponto ela pode alguma vez criar cisões. Não se demonstra nem por milagres, nem por recompensas e promessas, nem sequer «pela Escritura»: ela é, em cada instante, o seu milagre, a sua recompensa, a sua prova, o seu «Reino de Deus». Esta fé também não se formula – *vive*, defende-se contra fórmulas. O acaso do meio envolvente, da língua, da formação de fundo determina, sem dúvida, um certo círculo de conceitos: o Cristianismo primitivo serve-se *unicamente* de conceitos judaico-semíticos (o comer e o beber na ceia integra-se neles, conceito esse de que a





Igreja, como de tudo o que é judaico, tão maldosamente abusou). Mas tem-se o cuidado de não ver aí algo mais do que uma linguagem de sinais, uma semiótica, uma oportunidade para parábolas. Que, justamente, nenhuma palavra se tome à letra é para este anti-realista a condição prévia de em geral poder falar. Entre os Hindus, ter-se-ia servido dos conceitos de *sankhyam*, entre os Chineses, dos de Lao-Tsé – e sem aí descobrir qualquer diferença. Com alguma tolerância na expressão, Jesus poderia chamar-se um «espírito livre» - o que é concreto não importa: a palavra *mata*, tudo o que é sólido *mata*. O conceito, a *experiência* «vida», como a única que ele conhece, opõe-se nele a toda a espécie de palavra, fórmula, lei, fé, dogma. Fala simplesmente a partir do mais íntimo – tudo o mais, a realidade integral, a natureza inteira, a própria linguagem tem para ele somente o valor de um sinal, de uma parábola. Importa, neste lugar, não se equivocar de modo algum, por maior que seja a sedução que reside no preconceito cristão, quer dizer *eclesiástico*: semelhante simbolismo *par excellence* encontra-se fora de toda a religião, de todo o conceito de culto, de toda a ciência histórica, de toda a ciência natural, de toda a experiência do mundo, de todos os conhecimentos, de toda a política, de toda a psicologia, de todos os livros, de toda a arte – o seu «saber» é pura *ignorância* de que existem coisas assim. A *civilização* nem sequer lhe é conhecida por ouvir dizer, não precisa de lutar contra ela – não a nega... O mesmo se diga a propósito do *Estado*, de toda a ordem civil e da sociedade, do *trabalho*, da guerra – jamais teve uma razão para negar o «mundo», nunca pressentiu o conceito eclesiástico de «mundo»... A *negação* é pois, para ele, de todo impossível. Falta-lhe de igual modo a dialéctica, falta-lhe a ideia de que uma fé, uma «verdade» se possa demonstrar mediante razões (as suas provas são «luzes» interiores, sentimentos interiores de prazer e auto-afirmações, genuínas «provas de força»). Uma tal doutrina também não *pode* contradizer, não compreende sequer que há, e possa haver, outras doutrinas, mas sabe imaginar o juízo contrário... Sempre que com ele depara, entristece-se por compaixão interior





com a «cegueira» – porque ela vê a luz –, mas não levantará qualquer objecção...

33

Em toda a psicologia do «Evangelho» falta o conceito de culpa e de castigo; igualmente o conceito de recompensa. O «pecado», toda a relação de distância entre Deus e o homem, é suprimido – é essa *justamente a «Boa Nova»*. A beatitude não está prometida, não se encontra vinculada a condições: é a *única* realidade – o resto é sinal para dela se falar...

As *consequências* de um tal estado projectam-se numa *prática* nova, a prática genuinamente evangélica. Não é a «fé» que distingue o cristão: o cristão age, distingue-se por um agir *diferente*. Ao que é mau para com ele não oferece resistência nem por palavras nem no coração. Não faz distinção alguma entre o estrangeiro e o indígena, entre o judeu e o não judeu (o «próximo», em rigor o correligionário na fé, o judeu). Não se aborrece com ninguém, a ninguém menospreza. Não se deixa ver nos tribunais, nem faz reivindicações («não jurar»). Em nenhum caso se separa da esposa, nem sequer também em caso de adultério comprovado desta última. Tudo isto é, no fundo, um princípio, tudo é consequência de um instinto. A vida do Salvador foi tão-só *esta* prática – a sua morte também nada foi de diferente... Ele já não tinha necessidade nem de fórmulas, nem de ritos, para a sua comunhão com Deus – nem sequer da oração. Acabou com toda a doutrina judaica da penitência e da reconciliação; sabe que só com a *prática* da vida é que alguém se sente «divino», «bem-aventurado», «evangélico», e a cada momento um «Filho de Deus». A «penitência» e a «oração pelo perdão» não são caminhos para Deus: *só a prática evangélica* leva a Deus, ela é *justamente* «Deus». O que se *aboliu* com o Evangelho foi o judaísmo das noções de «pecado», de «remissão dos pecados», de «fé», de «salvação pela fé» – toda a doutrina *eclesiástica* judaica foi negada na «Boa Nova».





O instinto profundo de como se deve *viver* para alguém se sentir «no céu», para se sentir «eterno», ao passo que em qualquer outro comportamento não se sente «no céu»: eis a única realidade psicológica da «redenção». Uma nova conduta, *não* uma nova fé...

34

Se alguma coisa há que eu compreenda acerca deste grande simbolista é o facto de ele ter tomado como realidades, como «verdades», apenas realidades *interiores* – de ter considerado o resto, tudo o que é natural, temporal, espacial, histórico, apenas como signos, como oportunidade de parábolas. O conceito de «Filho do homem» não é uma pessoa concreta que pertence à história, algo de individual, de único, mas um facto «eterno», um símbolo psicológico liberto do conceito do tempo. O mesmo se diga mais uma vez, e no mais elevado sentido, do *Deus* deste simbolista típico, do «Reino de Deus», do «Reino dos Céus», da «filiação divina». Nada é menos cristão do que as cruezas eclesiásticas a propósito de um Deus como pessoa, de um «Reino de Deus» que *vem*, de um «Reino dos Céus» *no Além*, de um «Filho de Deus», da *segunda pessoa* da Trindade. Tudo isto é – perdoem-me a expressão – um soco no olho oh! e em que olho! – do Evangelho: do *cinismo histórico-universal* na irrisão do símbolo... Mas vê-se logo o que se aflora com os signos de «Pai» e de «Filho» – concedo que tal não é evidente para todos: com a palavra «Filho» exprime-se a *entrada* no sentimento da transfiguração global de todas as coisas (a beatitude), com a palavra «Pai», *esse mesmo sentimento*, o sentimento da eternidade e da plenitude. Sinto vergonha em recordar o que a Igreja faz deste simbolismo: não pôs ela uma história de Anfitrião no limiar da «fé» cristã? E, ainda por cima, um dogma da «Imaculada Conceição»?... *Mas ela maculou assim a concepção...*

O «Reino dos Céus» é um estado do coração – não algo que vem «para além da Terra» ou «após a morte». No Evangelho, *falta* o conceito global da morte natural: a morte não é uma ponte, uma passagem; ela falta porque se inscreve num mundo de aparências, totalmente dife-





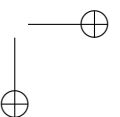
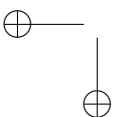
rentes, apenas útil para os signos. A «hora da morte» não é um conceito cristão – a hora, o tempo, a vida física e as suas crises não existem sequer para o mestre da «Boa Nova»... O «Reino de Deus» não é algo que se espere; não tem um ontem e um depois de amanhã, não vem dentro de «mil anos» - é uma experiência num coração; está em toda a parte, e não está em parte alguma...

35

Este «alegre mensageiro» morreu como viveu, como *ensinara* – não para «redimir os homens», mas para mostrar como se deve viver. A *prática* foi o que ele deixou à Humanidade: a sua conduta perante os juízes, perante os verdugos, perante os acusadores e perante toda a espécie de calúnia e ultraje – o seu comportamento na *cruz*. Não resiste, não defende o seu direito, não dá passo algum que afaste dele o fim; mais ainda, *provoca-o*... E suplica, sofre, ama com aqueles, por aqueles que lhe fazem mal... As palavras proferidas ao *ladrão* na cruz encerram todo o Evangelho. – «– Este era em verdade um homem *divino*, um Filho de Deus» – diz o ladrão. «– Se sentes isso – responde o Redentor, *então estás no paraíso*, és também um filho de Deus...» Não se defender, não se encolerizar, não responsabilizar.., mas também não resistir ao mal – amá-lo...

36

Somente nós, espíritos *libertados*, temos o pressuposto para compreender algo que dezanove séculos não entenderam – aquele instinto e aquela paixão, transformados em proibidade, que faz a guerra contra a «sagrada mentira», mais ainda do que contra todas as outras mentiras... Estava-se indizivelmente longe da nossa neutralidade amável e cautelosa, da educação do espírito com que se torna possível adivinhar coisas tão estranhas e delicadas: pretendia-se sempre aí, com um egotismo impudente, apenas a sua vantagem, e a partir da oposição ao Evangelho construir a *Igreja*...

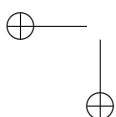




Quem procurasse indícios de que, por detrás da grande comédia do mundo, uma divindade irónica manobrasse os cordéis não encontraria um pequeno apoio no *monstruoso ponto de interrogação*, que se chama Cristianismo. A Humanidade encontra-se de joelhos perante o contrário do que era a origem, o sentido, o *direito* do Evangelho; sacralizou no conceito de «Igreja» o que o «alegre mensageiro» sentiu precisamente como *abaixo* de si, *atrás* de si – em vão se procura uma forma melhor de ironia histórico-universal...

37

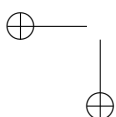
A nossa época orgulha-se do seu sentido histórico: como pode deixar-se convencer do contra-senso de que, no início do Cristianismo, se encontra a *tosca fábula do taumaturgo e salvador* – e de que tudo o que é espiritual e simbólico é somente um desenvolvimento posterior? Pelo contrário: a história do Cristianismo – e, claro está, desde a morte na cruz – é a história da incompreensão cada vez mais grosseira de um simbolismo *originário*. Em cada nova difusão do Cristianismo entre massas mais numerosas e mais grosseiras, que se afastava sempre mais dos pressupostos de que ele nascera, tornava-se necessário *vulgarizar* e *barbarizar* o Cristianismo – livre de engolir as doutrinas e ritos de todos os cultos *subterrâneos* do *imperium romanum*, a insânia de todas as espécies da razão doente. O destino do Cristianismo residia na necessidade de que a sua fé se devia tornar tão doente, tão baixa e vulgar como doentes, baixas e vulgares eram as necessidades que com ele se deviam satisfazer. Enquanto Igreja, a barbárie doente eleva-se finalmente ao poder – a Igreja, essa forma de inimidade mortal frente a toda a justiça, a toda a *sublimidade* da alma, a toda a educação do espírito, a toda a humanidade livre e boa. Os valores cristãos, os valores *nobres*: somente nós, nós, espíritos libertados, restabelecemos esse ingente antagonismo entre os valores.





38

Não consigo neste lugar reprimir um suspiro. Há dias em que me assedia um sentimento, mais negro do que a mais negra melancolia – o *desprezo pelos homens*. E para não deixar qualquer dúvida sobre o *que* desprezo e a *quem* desprezo: é o homem de hoje, o homem de quem por fatalidade sou contemporâneo; o homem de hoje – sufoco com o seu hálito impuro... Perante o passado sou, como todos os clarividentes, de uma grande tolerância, isto é, de um generoso autodomínio: percorro com sombria circunspecção o manicómio de milénios inteiros, chame-se ele «Cristianismo», «fé cristã», «Igreja cristã» - abstenho-me de tornar a humanidade responsável pelas suas doenças mentais. Mas o meu sentimento altera-se subitamente, entra em erupção, logo que penetro na época moderna, no *nosso* tempo. O nosso tempo é *sabedor*... O que outrora era simplesmente doença, tornou-se hoje inconveniência – hoje é inconveniente ser cristão. *E aqui começa a minha náusea*. Olho à minha volta: já não resta uma palavra só do que antigamente se chamava «verdade», já não aguentamos que um sacerdote ponha sequer na boca a palavra «verdade». Mesmo na mais modesta pretensão de equidade, *deve* hoje saber-se que um teólogo, um sacerdote, um Papa, e cada frase que pronuncia, não só se engana, mas *mente* – que já não lhe é dado mentir por «inocência», por «ignorância». Também o sacerdote sabe, como qualquer pessoa, que já não há «Deus», nem «pecado», nem «Redentor» - que a «vontade livre», a «ordem moral do mundo» são *mentiras*: a seriedade, a profunda auto-superação do espírito já não *permite* a ninguém ser a tal respeito ignorante... Todos os conceitos da Igreja se percebem como o que são, como a mais malévola amoedação que existe, com o fim de *desvalorizar* a natureza, os valores da natureza; o próprio sacerdote reconhece-se como o que efectivamente é, como a espécie mais perigosa de parasita, como a autêntica tarântula da vida... Sabemos, a nossa *consciência* sabe hoje o que em geral valem as intenções sinistras dos sacerdotes e da Igreja, *para que serviram*, com as quais se obteve este estado de autoviolação da humanidade, a náusea que o seu espectáculo pode suscitar – os





conceitos de «Além», de «Juízo Final», de «imortalidade da alma», de «alma» são instrumentos de tortura, são sistemas de atrocidades, graças aos quais o sacerdote se tornou senhor, permaneceu senhor... Todos sabem isto: *e, apesar de tudo, tudo permanece no antigo*. Para onde foi o último sentimento de decoro, de reverência para consigo mesmo, se até os nossos estadistas – uma espécie, aliás muito franca, de homens e profundamente anticristãos na acção –, se dizem ainda hoje cristãos e vão à comunhão?... Um jovem príncipe, à frente dos seus regimentos, cheio de garbo enquanto expressão magnífica do egoísmo e da presunção do seu povo – mas, *sem qualquer pudor, confessando-se cristão!*... A quem é que, afinal, o Cristianismo nega? A que é que ele chama «mundo»? O ser soldado, juiz, patriota, defende-se a si mesmo; aderir à sua honra; pretender a sua vantagem; ser *orgulhoso*... Toda a prática de cada instante, todo o instinto, toda a avaliação que se transforma em *acção*, são hoje anticristãos: e que *aborto de falsidade* deve ser o homem moderno para, apesar de tudo, *não sentir vergonha* em lhe chamarem ainda cristão!

39

Volto atrás, e vou contar a *autêntica* história do Cristianismo. Já a palavra «Cristianismo» é um equívoco – no fundo, existiu apenas um único cristão, e esse morreu na cruz. O «Evangelho» *morreu* na cruz. O que desde esse instante se chamou «Evangelho» era já o contrário do que Cristo vivera: uma «*má nova*», um *dysangelium*. É falso até ao contra-senso ver numa «fé», por exemplo a fé na salvação por Cristo, a insígnia do cristão: unicamente a *prática* cristã, uma vida como a *viveu* aquele que morreu na cruz, tem algo de cristão... Hoje, uma *tal* vida é ainda possível e até necessária para *certos* homens: o Cristianismo autêntico, originário, será possível em todas as épocas... Não uma fé, mas uma acção, um não fazer certas coisas, sobretudo um diferente *ser*... Estados de consciência, uma fé qualquer, um ter algo por verdadeiro, por exemplo – todo o psicólogo sabe isso –, são de todo indiferentes e de quinta classe perante o valor dos instintos: em ter-





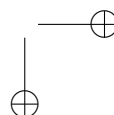
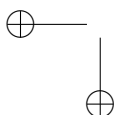
mos mais estritos, todo o conceito de causalidade espiritual é falso. Reduzir o ser-cristão, a cristianidade a um ter por verdadeiro, a uma simples fenomenalidade de consciência significa negar a cristianidade. *De facto, nunca houve cristão algum.* O «cristão», o que desde há dois mil anos se chama cristão, é unicamente uma auto-incompreensão psicológica. Se indagarmos com maior rigor, dominavam nele, apesar de toda a «fé», apenas os instintos. E que instintos! A «fé» foi em todas as épocas, por exemplo em Lutero, apenas uma capa, um pretexto, um véu, por detrás do qual os instintos realizavam o seu jogo – uma sagaz cegueira perante a dominação de *certos* instintos... A «fé» – já lhe chamei a genuína *sagacidade* cristã. Falou-se sempre de «fé», mas *agiu-se* sempre apenas por instinto... No mundo imaginário do cristão, nada ocorre que toque sequer a realidade efectiva: pelo contrário, reconhecemos no ódio instintivo a toda a realidade o elemento impulsor, o elemento unicamente propulsor, na raiz do Cristianismo. Que se segue daí? Que também *in psychologicis* o erro é aqui radical, isto é, determina a essência, ou seja, é a *substância*. Retire-se daqui um só conceito, ponha-se no seu lugar uma só realidade – e todo o Cristianismo voltará ao nada! Visto de longe, permanece o mais estranho de todos os factos, uma religião não só condicionada por erros, mas inventiva e até genial unicamente em erros perniciosos, apenas em erros que envenenam a vida e o coração – um *espectáculo para os deuses*, para essas divindades que são ao mesmo tempo filósofas e com que deparei nos famosos diálogos de Naxos. No instante em que a náusea se afasta delas (e de nós!) – tornam-se gratas pelo espectáculo que o cristão lhes proporciona: o pequeno astro miserável, que se chama Terra, merece talvez, só por causa deste caso curioso, um olhar divino, uma simpatia divina... Mas não subestimemos o cristão: o cristão, falso até à *inocência*, está muito acima do macaco – uma conhecida teoria das origens torna-se, relativamente aos cristãos, uma simples cortesia...





40

O destino do Evangelho decidiu-se na morte, esteve suspenso na «cruz»... Só a morte, essa morte ignominiosa e inesperada, só a cruz – que em geral estava simplesmente reservada à *canaille* –, só este paradoxo horrendo é que levou os discípulos ao autêntico mistério: «*quem era este? O que era isto?*» O sentimento consternado e ferido no mais íntimo, a suspeita de que uma tal morte poderia ser a *refutação* da sua causa, o terrível ponto de interrogação «porquê justamente assim?» – semelhante estado compreende-se até demasiado bem. Aqui, tudo *devia* ser necessário, devia ter um sentido, uma razão, a mais elevada razão; o amor de um discípulo não conhece acaso algum. Só agora se escancara o abismo: «*quem o matou? quem era o seu inimigo natural?*» Tal pergunta irrompeu como um relâmpago. Resposta: o judaísmo *dominante*, a sua classe dirigente. A partir desse instante, sentiram-se em rebelião *contra* a ordem, compreendeu-se subsequentemente Jesus como *em sublevação contra a ordem*. Até então, faltava à sua imagem esse traço bélico, o traço do dizer não e de fazer não; mais ainda, ele era a sua contradição. Evidentemente, a pequena comunidade *não* compreendera o essencial, a exemplaridade neste modo de morrer, a liberdade, a superioridade sobre todo o sentimento de *ressentiment*: sinal esse de quão pouco em geral ela o compreendeu! Com a sua morte, Jesus nada mais podia querer do que proporcionar publicamente a prova mais forte, a *demonstração* da sua doutrina... Mas os seus discípulos estavam longe de *perdoar* tal morte – o que teria sido evangélico no sentido mais elevado; ou de *se oferecer* até para uma morte semelhante, em suave e amável tranquilidade do coração... Foi justamente o sentimento menos evangélico, a *vingança*, que de novo se sobrepôs a tudo. Era impossível que a causa terminasse com esta morte: era necessária uma «retaliação», um «juízo» (e, no entanto, que podava haver de mais anti-evangélico do que «retaliação», «castigo», «montar um processo»!). A expectativa popular de um Messias veio, mais uma vez, ainda para o primeiro plano; tomou-se em conta um momento histórico: o «Reino de Deus» vem para julgar os seus inimigos... Mas assim tudo

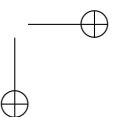
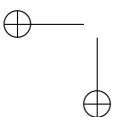




se torna um mal-entendido: o «Reino de Deus» como acto final, como promessa! O Evangelho fora justamente a existência, o cumprimento, a *realidade efectiva* desse «Reino». Uma tal morte fora justamente o «Reino de Deus»... Agora incorporou-se no tipo do mestre todo o desprezo e sarcasmo contra os fariseus e os teólogos – fez-se assim dele um fariseu e um teólogo! Por outro lado, a violação selvagem destas almas inteiramente extraviadas não suportou já a igualdade evangélica de todos quanto à filiação divina, que Jesus ensinara; a sua vingança consistiu em *eleva*r Jesus de um modo extravagante, em separá-lo de si: tal e qual como outrora os Judeus, por ódio aos seus inimigos, o separaram de si e o elevaram às alturas. O Deus único e o seu único Filho: ambos são criações do *ressentiment*...

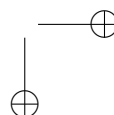
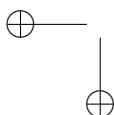
41

E desde então surgiu um problema absurdo: «como *podia* Deus admitir isso?» A razão perturbada da pequena comunidade encontrou para tal questão uma resposta assustadoramente absurda: Deus entregou o seu Filho como sacrifício para remissão dos pecados. Como de súbito se acabou o Evangelho! O *sacrifício expiatório*, e claro está, na sua forma mais repulsiva, mais bárbara, o sacrifício do *inocente* pelo pecado dos culpados! Que paganismo horroroso! E, no entanto, Jesus suprime o conceito de «culpa», negou o abismo entre Deus e o homem, *viveu a* unidade de Deus enquanto homem como a *sua* «Boa Nova»... E *não* como privilégio! Doravante introduz-se gradualmente no tipo de Salvador a doutrina do juízo e da segunda vinda, a doutrina da morte como morte sacrificial, a doutrina da *ressurreição*, com a qual se escamoteou toda a noção de «beatitude», a plena e única realidade do Evangelho em favor de um estado *após* a morte!... Paulo logicou esta concepção – *obscena* concepção – com a impudência rabínica que em tudo distingue: «*se* Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa fé». E, de súbito, o Evangelho tornou-se a mais desprezível de todas as promessas irrealizáveis, a doutrina insolente da imortalidade pessoal... O próprio Paulo ensinava-a como *recompensa*!...





Vê-se o *que* com a morte na cruz chegava ao fim: um novo começo, plenamente original, para um movimento búdico de paz, para uma *felicidade sobre a Terra*, efectiva e *não* apenas prometida. Com efeito, esta continua a ser – já o sublinhei – a diferença fundamental entre as duas religiões da *décadence*: o Budismo não promete, mas cumpre; o Cristianismo promete tudo, *mas nada cumpre*. À «Boa Nova» seguiu-se de imediato *a pior de todas*: a de Paulo. Em Paulo, personifica-se o tipo antagónico ao do «alegre mensageiro», o génio no ódio, na visão do ódio, na implacável lógica do ódio. Quantas coisas este disangelista sacrificou ao ódio! Acima de tudo, o Redentor: cravou-o na *sua* cruz. A vida, o exemplo, a doutrina, a morte, o sentido e o direito de todo o Evangelho – já nada existia, quando este falso moedeiro se apoderou por ódio de tudo o que só a ele poderia ser útil. *Não* a realidade, *não* a verdade histórica!... E, mais uma vez ainda, o instinto sacerdotal do judeu perpetuou o mesmo ingente crime contra a História: suprimiu simplesmente o ontem, o anteontem, do Cristianismo, *inventou para si uma história do Cristianismo primitivo*. Mais anda: falsificou novamente a história de Israel para ela aparecer como a pré-história da *sua* acção: todos os profetas falaram do *seu* «Salvador»... A Igreja, mais tarde, falsificou mesmo a história da humanidade para dela fazer a pré-história do Cristianismo... O tipo do Salvador, a doutrina, a prática, o sentido da morte, e até o que vem a seguir à morte – nada ficou sequer semelhante à realidade. Paulo deslocou simplesmente o centro da gravidade de toda a existência para a *retaguarda* dessa existência – para a mentira de Jesus «ressuscitado». No fundo, não podia servir-se em geral da vida do Redentor – tinha necessidade da morte na cruz e ainda de algo mais... Aceitar a sinceridade de um Paulo, que tinha a sua pátria na sede principal do Iluminismo estóico, quando a partir de uma alucinação apontava a *prova*, a sobrevivência do Salvador, ou também apenas a partir do seu relato de que tivera tal alucinação, seria uma verdadeira *niaiserie*, por parte de um psicólogo: Paulo queria o fim, logo, queria também os meios... Aquilo em que ele próprio não





acreditava era objecto de fé para os idiotas, entre os quais ele lançara a sua doutrina. A *sua* necessidade era o *poder*; com Paulo, o sacerdote quis mais uma vez o poder – e só podia utilizar conceitos, doutrinas, símbolos, por meio dos quais se tiranizam as multidões e se formam rebanhos. O que é que, mais tarde, Maomé foi apenas buscar ao Cristianismo? A invenção de Paulo, o seu meio de tirania sacerdotal, para o arrebanhamento: a fé na imortalidade – isto é, *a doutrina do «juízo»*...

43

Quando o centro de gravidade da vida se põe, *não* na vida, mas no «Além» – *no nada* –, tira-se em geral à vida o centro de gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda a razão, toda a natureza no instinto – tudo o que nos instintos é benéfico, vivificante, garantia de futuro, inspira agora a desconfiança. Viver de modo que não se tenha já *sentido* em viver, eis o que agora se torna o «sentido da vida»... Para quê o sentido cívico, para quê o reconhecimento ainda pelas origens e pelos antepassados, para quê colaborar, ter confiança, fomentar ainda e ter em vista um qualquer bem comum?... Outras tantas «tentações», outros tantos desvios do «recto caminho». «Uma só coisa é necessária»... Que cada um, enquanto «alma imortal», ocupe com cada qual uma igual posição, que no conjunto de todos os seres a «salvação» de *qualquer* um possa reivindicar uma importância eterna, que os pequenos santarrões e quase loucos possam imaginar que, por causa deles, as leis da natureza são constantemente *transgredidas* – uma tal graduação de todo o tipo de egoísmo até ao infinito, até à *impertinência*, não se pode estigmatizar com desprezo suficiente. E, no entanto, o Cristianismo deve a sua *vitória* a *esta* lastimosa adulação da vaidade pessoal; persuadiu assim justamente tudo o que estava fracassado, os sentimentos de rebelião, os mal-equilibrados, todo o lixo e desperdício da humanidade. A «salvação da alma» – em vernáculo: «o mundo gira à minha volta»... o veneno da doutrina «direitos *iguais* para todos» – o Cristianismo semeou-o por princípio; o Cristianismo, a partir dos mais secretos recantos dos maus instintos, fez uma guerra de morte contra





todo o sentimento de reverência e de distância entre homem e homem, isto é, contra o *pressuposto* de todo o avanço, de todo o crescimento da cultura; fez do *ressentiment* das massas a sua *arma principal contra nós*, contra tudo o que há de nobre, de alegre, de magnânimo sobre a Terra, contra a nossa felicidade na Terra... Conceder a «imortalidade» a cada Pedro e Paulo foi até agora o maior e o mais pérfido ataque à humanidade *nobre*. E não subestimemos a fatalidade que do Cristianismo deslizou para a política! Hoje, ninguém mais tem a coragem dos privilégios, dos direitos de dominação, do sentimento de reverência por si e pelos seus pares – *de um pathos da distância...* A nossa política *enferma* desta falta de coragem! O aristocratismo da disposição anímica foi minado, na sua dimensão mais subterrânea, pela mentira da igualdade das almas; e se a fé no «privilégio da maioria» constitui e *constituirá* revoluções, é o Cristianismo, não o duvidemos, são os juízos de valor *cristãos*, que traduzem toda a revolução simplesmente em sangue e em crime! O Cristianismo é uma insurreição de tudo o que rasteja pelo chão contra o que tem *sublimidade*: o Evangelho dos «pequenos» empequenece...

44

Os Evangelhos, como testemunho da corrupção já irresistível *no seio* das primeiras comunidades, são inestimáveis. O que Paulo, mais tarde, levou a cabo com o cinismo lógico de um rabino foi, não obstante, apenas um processo de decadência, que começara com a morte do Redentor. Tais Evangelhos não se podem ler com suficiente precaução: têm as suas dificuldades por detrás de cada palavra. Confesso, e ninguém me levará a mal, que são por isso mesmo para um psicólogo um prazer de primeira ordem – como o *contrário* de toda a perversidade ingénua, como refinamento *par excellence*, como o virtuosismo na perversidade psicológica. Os Evangelhos aguentam-se por si. A Bíblia em geral não suporta comparação alguma. Estamos entre Judeus: *primeiro* ponto de vista, para aqui não se perder inteiramente o fio. A autodissimulação em «sagrado», aqui justamente transformada





em génio, nunca aliás conseguida aproximadamente entre os livros e os homens, tal falsificação de palavras e de gestos enquanto *arte* não é o acaso de qualquer dom individual, de uma qualquer natureza excepcional. Aqui, requer-se a raça. No Cristianismo, enquanto arte de mentir santamente, chega à derradeira mestria todo o judaísmo, uma aprendizagem e técnica judaica de muitos e muitos séculos, e das mais sérias. O cristão, esta *ultima ratio* da mentira, é uma vez mais o judeu – três vezes ele próprio... A vontade de por princípio empregar apenas conceitos, símbolos, atitudes, que se comprovam a partir da práxis do sacerdote, a recusa de qualquer outra práxis, de qualquer outra espécie de perspectiva de valor e de utilidade – isso não é apenas tradição, é *herança*: só enquanto herança é que age como natureza. A humanidade inteira, até as melhores cabeças das melhores épocas (exceptuando uma só, que talvez fosse simplesmente um monstro) deixou-se enganar. Leu-se o Evangelho como o *Livro da inocência* – um indício não pequeno da mestria com que aqui se representou. Se víssemos decerto, ainda que só de passagem, todos esses excêntricos beatos e santos artificiais, tudo teria acabado – e é justamente porque não leio uma palavra sem ver os gestos *que acabo com eles...* Não aguento neles uma certa maneira de abrir os olhos. Felizmente, para a grande maioria das pessoas os livros são simples *literatura*. Importa não se deixar enganar: «Não julgueis!» dizem eles, mas mandam para o inferno tudo o que se encontra no seu caminho. Ao deixarem Deus julgar, são eles próprios que julgam; ao glorificarem Deus, é a si mesmos que glorificam; ao exigirem as virtudes de que justamente são capazes – mais ainda, de que têm necessidade para em geral permanecerem por cima – assumem a aparência grandiosa de uma luta pela virtude, de um combate pela dominação da virtude. «Vivemos, morremos, sacrificamo-nos *pelo bem*» (A «verdade», a «luz», o «reino de Deus»): na realidade, fazem apenas o que não podem deixar de fazer. Ao fazerem-se humildes à maneira de hipócritas, sentando-se nos cantos, vegetando umbraticamente na sombra, cumprem um *dever*: a sua vida de humildade surge como dever, enquanto humildade é uma prova mais de piedade... Ah!



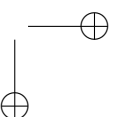
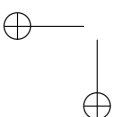


esta humilde, pudica e misericordiosa espécie de hipocrisia! «A própria virtude há-de dar testemunho de nós»... Leiam-se os Evangelhos como livros da sedução pela *moral*: a moral é requisitada por esta gatinha – sabiam muito bem o que a moral representa! A melhor maneira de levar a humanidade pelo nariz é com a moral! A realidade é que aqui a mais consciente *arrogância de ser eleito* se arma em modéstia: foi assim que, de uma vez por todas, se puseram a si mesmos, à comunidade, aos «bons e justos» de um lado, do lado da verdade – e o resto, o «mundo»; do outro... Foi esta a mais fatídica espécie de mania das grandezas que, até agora, existiu sobre a Terra: quais mostrengos, hipócritas e mentirosos começam a assenhorear-se das noções de «Deus», «verdade», «luz», «espírito», «amor», «sabedoria», «vida», como se elas fossem sinónimos deles próprios, para assim estabelecerem um limite entre eles e o «mundo»; homúnculos judeus em grau superlativo, maduros para toda a espécie de manicómio, inverteram os valores em geral, a seu modo, como se apenas o cristão fosse o sentido, o sal, a medida, e também o *juízo final* de tudo o mais... Uma catástrofe assim só foi possível por já haver uma espécie de loucura das grandezas aparentada e da mesma raça, a loucura *judaica*: logo que se abriu o abismo entre Judeus e Judeus cristãos, não restou aos últimos nenhuma escolha a não ser os mesmos processos de autoconservação, que o instinto judaico aconselhava a empregar *contra* os próprios Judeus, embora estes os tivessem empregue até então somente contra tudo o que não era judeu. O cristão é apenas um judeu de confissão «mais liberal».

45

Vou dar alguns exemplos do que esta gentalha meteu na sua cabeça, do que *pôs na boca* do seu Mestre: simples confissões de «almas belas».

«E se alguns vos não receberem e ouvirem, saí dali e sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo, Sodoma e Gomorra serão no dia de juízo tratadas com menos rigor do que essa cidade» (*Mc VI, 1 1*). Que *evangélico!*...



«E quem escandalizar um destes pequeninos que em mim crêm, seria melhor que lhe pusessem ao pescoço a mó de um moinho e o lançassem ao mar» (Mc IX, 42). Que *evangélico!*...

«E se o teu olho te escandaliza, lança-o fora. Melhor é entrares no reino de Deus com um só olho do que, tendo ambos os olhos, seres lançado no fogo do inferno, onde o seu verme não morre e o fogo não se extingue» (Mc IX, 46 e 47). Não é justamente do olho que se trata...

«Em verdade vos digo: há alguns aqui presentes que não morrerão antes de verem chegar o Reino de Deus no seu poder» (Mc IX, 1). Que bem que *mente*, o leão...

«Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. *Porque...*» (*Observação de um psicólogo: a moral cristã encontra-se refutada pelos seus porque; as suas «razões» refutam – eis o que é cristão*) (Mc VIII, 34).

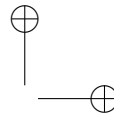
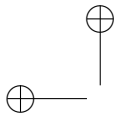
«Não julgueis, para não serdes julgados. Com a medida com que medirdes vos será medido» (Mt VII, 1). Que conceito de justiça de um juiz «íntegro»!...

«Porque, se amais os que vos amam, que recompensa tereis disso? Porventura não fazem o mesmo os publicanos? E se saudais só os vossos irmãos, que fazeis nisso de extraordinário? Acaso não o fazem também os publicanos? (Mt V, 46). Princípio de «amor cristão»: quer, ao fim e ao cabo, ser bem pago...

«Mas se não perdoardes aos homens as suas ofensas, também o Pai Celeste vos não perdoará as vossas» (Mt VI, 15). – Muito comprometedor para o «Pai» mencionado...

«Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo» (Mt VI, 33). Todas essas coisas, a saber: alimentos, vestuário, todas as necessidades da vida. Um erro, para sem pretensões nos expressarmos... Pouco antes, Deus surge como alfaiate, pelo menos em certos casos...

«Alegrai-vos então e exultai: *pois* vede, será grande no céu a vossa recompensa. Desse modo é que procediam os pais deles com os profetas» (Lc VI, 23). Canalha sem vergonha! Compara-se já aos profetas...



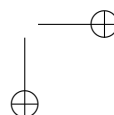
«Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Ora, se alguém maltrata o templo de Deus, Deus maltratá-lo-á. Porque o templo de Deus é sagrado, e tal templo sois vós» (Paulo, *I Cor* 3, 16). Não há desprezo bastante para coisas assim...

«Acaso não sabeis que os santos julgarão o mundo? E se é por vós que o mundo vai ser julgado, séreis então ineptos para julgar as coisas mínimas?» (Paulo, *I Cor* 6, 2). Infelizmente, não é apenas o discurso de um louco internado... Este horrível *impostor* prossegue literalmente: «Não sabeis que julgaremos os anjos? Quanto mais os bens temporais»!...

«Não tornou Deus, por acaso, estulta a sabedoria deste mundo? Efectivamente, já que o mundo, com toda a sua sabedoria, não conheceu Deus nas obras da sabedoria divina, foi por meio da loucura da pregação que aprouve a Deus salvar os crentes. Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas, pelo contrário, os que são loucos aos olhos do mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e os que são fracos perante o mundo é que Deus escolheu para confundir os fortes. E os vis e desprezados pelo mundo é que Deus escolheu: em suma, as coisas que não existem, a fim de reduzir a nada as que existem. Para que nenhuma carne se possa gloriar diante de Deus» (Paulo, *I Cor* 1, 20 ss.). Para *compreender* esta passagem, um testemunho de primeiríssima ordem para a psicologia de toda a moral *tchandala*, leia-se o primeiro ensaio da minha *Genealogia da Moral*: aí realcei pela primeira vez a oposição entre uma moral e uma moral de *tchandala*, nascida do *ressentiment* e da vingança impotente. Paulo foi o maior de todos os apóstolos da vingança...

46

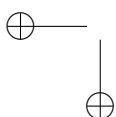
Que é que daí se segue? Que é bom pôr luvas, ao ler-se o Novo Testamento. A proximidade de tanta imundície quase força a tal. Evitaríamos tanto os «primeiros cristãos» como os Judeus polacos: não é que seja preciso fazer-lhes sequer uma censura... Não cheiram bem.





Em vão perscrutei no Novo Testamento um só traço simpático; nada aí se encontra que seja livre, bom, franco, leal. A humanidade não fez ainda aqui o seu primeiro começo – faltam os instintos da limpeza... No Novo Testamento, há apenas *maus* instintos, não há sequer a coragem dos maus instintos. Tudo nele é cobardia, fechar os olhos e auto-engano. Qualquer livro se torna limpo, depois de se ter lido o Novo Testamento: li, para fornecer um exemplo, com arrebatamento, logo a seguir a Paulo, esse encantador e insolente cínico, Petrónio, de quem se poderia dizer o que Domenico Boccacio escreveu acerca de César Bórgia ao Duque de Parma: «È tutto festo» – imortalmente saudável, imortalmente divertido e acertado... Estes pobres beatos enganam-se no essencial.

Atacam, mas tudo o que por eles é atacado adquire distinção. Um «primeiro cristão» não mancha aquele que ataca... Pelo contrário, é uma honra ter contra si os «primeiros cristãos». Não se lê o Novo Testamento sem uma preferência por tudo o que nele é mal tratado – para não falar da «sabedoria do mundo», que um impudente agitador em vão tenta desacreditar «por meio de uma pregação tonta»... Mas até os fariseus e escribas encontram a sua própria vantagem em semelhantes adversários: devem já ter valido alguma coisa para de um modo tão obscuro serem odiados. Hipocrisia – eis uma censura que os «primeiros cristãos» poderiam fazer! Ao fim e ao cabo, eles eram os *privilegiados*: isto basta, o ódio de *tchandala* não precisa de outras razões. O «primeiro cristão» – e também, receio, o «último cristão», *de que talvez eu ainda irei ser testemunha* – é, por instinto inferior, rebelde contra tudo o que é privilégio; vive, luta sempre por «direitos iguais»... Olhando com mais rigor, ele não tem escolha. Se alguém, para a sua pessoa, quer ser um «eleito de Deus» – ou um «templo de Deus», ou um «juiz dos anjos» –, qualquer *outro* princípio de eleição, por exemplo segundo a rectidão, segundo o espírito, segundo a virilidade e o orgulho, segundo a beleza e a liberdade do coração, é simplesmente «mundo» – o mal em si... Moral: cada palavra na boca de um «primeiro cristão» é mentira, cada acção que ele faz é uma falsidade instintiva; todos os





seus valores, todos os seus fins são perniciosos, mas quem ele odeia, o que ele odeia, tem valor... O cristão, sobretudo o cristão sacerdote, é um *critério de valores*. Terei ainda de dizer que, em todo o Novo Testamento, apenas ocorre *uma só* figura que se deve honrar? Pilatos, o governador romano. Ele não podia persuadir-se a tomar a *sério* uma questão de Judeus. Um judeu a mais ou a menos – que importa?... O nobre desdém de um romano ante o qual se fez um insolente abuso da palavra «verdade», enriqueceu o Novo Testamento com a única palavra *que tem valor* – que é a sua crítica, a sua própria *aniquilação*: «que é a verdade?»...

47

O que nos separa não é o facto de não reencontrarmos nenhum Deus nem na História nem na Natureza, nem por detrás da Natureza, mas de sentirmos o que é honrado como Deus, não como «divino», mas como lamentável, absurdo, nocivo; não apenas como erro, mas como *crime contra a vida*... Negamos Deus enquanto Deus... Se alguém nos *demonstrasse* o Deus dos cristãos, ainda menos acreditaríamos nele. Na fórmula: *deus, qualem Paulus creavit, dei negatio*. Uma religião como o Cristianismo, que não aflora a realidade em ponto algum, que se desvanece logo que a realidade faz sentir o seu direito num ponto qualquer, terá justamente de ser o inimigo mortal da «sabedoria do mundo», quero dizer, da *ciência*: aprovará todos os meios para poder envenenar, difamar, desacreditar a disciplina do espírito, a pureza e o rigor em matérias de consciência do espírito, a nobre frieza e liberdade do espírito. A «fé», enquanto imperativo, é o veto contra a ciência – *in praxi*, a mentira a todo o custo... Paulo *compreendeu* que a mentira – a «fé» – era necessária; a Igreja, mais tarde, compreendeu de novo Paulo. O «Deus» que Paulo inventou, um Deus que «reduz a nada» a «sabedoria deste mundo» (em sentido mais estrito, os dois grandes adversários de toda a superstição, a filosofia e a medicina), é na verdade apenas a *decisão* ousada de Paulo em chamar «Deus» à sua própria vontade, *thora*, que é algo de arquijudeu. Paulo quer reduzir a nada a «sabedo-



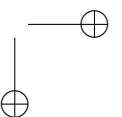
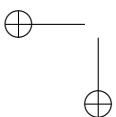


ria do mundo»: os seus inimigos são os *bons* filólogos e médicos da Escola Alexandrina – a eles faz a guerra. Na realidade, não se pode ser filólogo e médico sem, ao mesmo tempo, ser também *anticristo*. Como filólogo, olha-se por detrás dos «livros santos»; como médico, *por detrás* da decrepitude fisiológica do cristão típico. «Incurável» diz o médico, «fraude» diz o filólogo...

48

Ter-se-á, em rigor, compreendido a famosa história que se encontra no princípio da Bíblia, a história do temor mortal de Deus perante a *ciência*?... Não se compreendeu. Esse livro sacerdotal *par excellence* começa, como é justo, com a grande dificuldade interior do sacerdote: para ele, há apenas um único grande perigo, logo, para «Deus» há apenas um grande perigo.

O Deus antigo, inteiramente «espírito», inteiramente sumo-sacerdote, plena perfeição, passeia apazivelmente no seu jardim; contudo, aborrece-se. Também os deuses lutam em vão contra o tédio. Que faz ele? Inventa o homem – o homem distrai... Mas eis que também o homem se aborrece. A misericórdia de Deus para com a única indigência, que todos os paraísos em si têm, não conhece limites: criou então ainda outros animais. Primeiro equívoco de Deus: o homem não achou divertidos os animais – dominou sobre eles, nem sequer quis ser «animal». Deus criou, então, a mulher. E, efectivamente, cessou o tédio, mas também ainda muitas outras coisas! A mulher foi o segundo erro de Deus. «A mulher é, por essência, uma serpente, Eva». Todo o sacerdote sabe isto; «pela mulher vem *todo* o mal ao mundo» – também isto o sabe todo o sacerdote. «Logo, a *ciência* também vem dela»... Foi só pela mulher que o homem aprendeu a saborear a árvore do conhecimento. Que aconteceu? Um pânico de morte se apoderou do Deus antigo. O próprio homem tornara-se o seu *maior* erro, ele criara um rival, a *ciência iguala* a Deus: se o homem se torna científico, é o fim dos sacerdotes e dos deuses! Moral: a *ciência* é a interdição em si, só ela é proibida. A *ciência* é o *primeiro* pecado, o germe de





todos os pecados, o pecado original. *Eis a única moral.* «Não conhecerás»: o resto segue-se daí. O pânico mortal de Deus não o impediu de ser astuto. Como *defender-se* da ciência? Eis o seu problema principal, durante muito tempo. Resposta: fora com o homem do paraíso! A felicidade, o ócio evoca pensamentos – todos os pensamentos são maus pensamentos... O homem não *deve* pensar: e o «sacerdote em si» inventa a indigência, a morte, o perigo mortal da gravidez, toda a espécie de miséria, a velhice, a fadiga, sobretudo a *doença* – simples meios na luta contra as ciências! A indigência não *permite* ao homem pensar... E, apesar de tudo, que coisa tremenda! A obra do conhecimento acumula-se, alcandora-se até ao céu, anuncia o crepúsculo dos deuses – que fazer? O Deus antigo inventa a *guerra*, separa os povos, faz que os homens entre si se aniquilem (os sacerdotes tiveram sempre necessidade da guerra...). A guerra é, entre outras coisas, um grande desmancha-prazeres da ciência! Incrível! O conhecimento, a *emancipação relativamente ao sacerdote*, aumenta apesar das guerras. E uma última decisão ocorre ao Deus antigo: «o homem tornou-se científico, *de nada serve, há que afogá-lo!*»...

49

Compreenderam-me. O início da Bíblia contém *toda a* psicologia do sacerdote. O sacerdote conhece apenas um grande perigo: a ciência – o conceito salubre de causa e efeito. Mas a ciência prospera em geral apenas em condições boas – é preciso ter tempo disponível, importa ter espírito *em excesso* para «conhecer»... «Logo, é preciso tornar o homem infeliz» – foi esta em cada época a lógica do sacerdote. Adivinha-se já o que assim, em conformidade com esta lógica, entrou no mundo: o «pecado»... A noção de culpa e de castigo, toda a «ordem moral do mundo» foi inventada *contra* a ciência, *contra* a libertação do homem a respeito do sacerdote... O homem *não* deve olhar para fora de si, deve olhar para si mesmo; não deve olhar para as coisas com sagacidade e circunspeção, como aprendiz, não deve ver absolutamente nada: deve *sofrer*... E deve sofrer de maneira a precisar

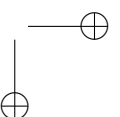




sempre do sacerdote. Fora com os médicos! *Precisa-se é da salvação.* A noção de culpa e de castigo, incluindo nela a doutrina da «graça», da «redenção», do «perdão» – mentiras rematadas e sem qualquer realidade psicológica – inventaram-se para destruir no homem o *sentido das causas*: são o atentado contra a noção de causa e efeito! E *não* um atentado com o murro, com a faca, com a franqueza no ódio e no amor! Mas nascem dos instintos mais cobardes, mais astutos e mais baixos! Um atentado de *sacerdotes!* Um atentado de *parasitas!* Um vampirismo de sanguessugas pálidas e subterrâneas!... Se as consequências naturais de uma acção já não são «naturais», mas se imaginaram como suscitadas por espectros conceptuais da superstição, por «Deus», «espíritos», «almas», enquanto simples consequências «morais», como recompensa, castigo, advertência, meio de educação, então destruiu-se o pressuposto do conhecimento – *cometeu-se então o maior crime contra a humanidade.* O pecado, diga-se mais uma vez, essa forma de autopoliuição do homem *par excellence*, inventou-se para impossibilitar a ciência, a civilização, toda a elevação e nobreza do homem; o sacerdote *reina* graças à invenção do pecado.

50

Não posso aqui dispensar-me de uma psicologia da «fé», dos «crentes», em proveito, como é justo, dos próprios «crentes». Se hoje ainda há alguns que não sabem até que ponto ser «crente é *indecoroso*» – ou marca de *décadence*, de vontade quebrantada de vida –, amanhã já o saberão. A minha voz chega também aos que ouvem mal. Se bem compreendo, parece que entre os cristãos há uma espécie de critério de verdade que se chama a «prova de força». «A fé salva: *logo* é verdadeira». Poderia aqui objectar-se imediatamente que a salvação não foi demonstrada, mas apenas *prometida*: a salvação está ligada à condição da «fé» – *deve* conseguir-se a salvação *porque* se crê... Mas como é que se demonstraria que aquilo que o sacerdote promete ao crente, esse «além» inacessível a todo o controlo, tem efectivamente lugar? A pretensa «prova de força» é, pois, no fundo, de novo apenas uma fé

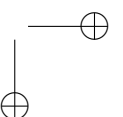
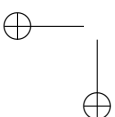




em que não deixará de se realizar o que a fé promete. Em fórmula: «creio que a fé salva; *logo*, é verdadeira.» Mas assim já chegamos ao fim. Este «logo» seria o próprio *absurdum* enquanto critério de verdade. Suponhamos, porém, com alguma indulgência, que a salvação é demonstrada pela fé – não apenas desejada, não somente prometida pela boca um tanto suspeita de um sacerdote. Seria a beatitude – em termos técnicos, o *prazer* –, alguma vez, uma prova da verdade? Tão pouco o é que quase proporciona a prova contrária, em todo o caso, a maior suspeita contra a «verdade», quando as sensações de prazer se põem a conversar sobre a questão «que é o verdadeiro?». A prova do «prazer» é uma prova por «prazer», nada mais; a partir de que é que se haveria de estabelecer acerca de tudo no mundo que justamente os juízos *verdadeiros* causam mais prazer do que os falsos e, segundo uma harmonia preestabelecida, arrastariam após si necessariamente sentimentos aprazíveis? A experiência de todos os espíritos fortes, de todos os espíritos com índole profunda, ensina o *contrário*. Foi necessário lutar e conquistar a verdade a cada passo, foi preciso sacrificar quase tudo aquilo de que aliás está suspenso o coração, o nosso amor e a nossa confiança na vida. É preciso para tal ter grandeza de alma: o serviço da verdade é o mais duro serviço. Que significa, de facto, ser *honesto* nas coisas do espírito? Que se é exigente perante o seu coração, que se desprezam os «bons sentimentos», que se tem consciência de cada sim e de cada não! A fé salva: *logo*, mente...

51

Que a fé salva em certas circunstâncias, que a beatitude não faz ainda de uma ideia fixa uma ideia *verdadeira*, que a fé não transporta montanhas, mas antes as *põe* onde não existiam – de tudo isso será elucidação suficiente uma rápida visita a um *manicómio*. Não, decerto, a um sacerdote, porque este nega por instinto que a doença seja doença, que o manicómio seja manicómio. O Cristianismo *precisa* da doença, mais ou menos como o helenismo tem necessidade de um excesso de saúde – tornar alguém doente é a verdadeira intenção recôndita de todo





o sistema de procedimentos salvíficos da Igreja. E a própria Igreja não será o manicómio católico enquanto ideal derradeiro? A Terra em geral como manicómio? O homem religioso, tal como a Igreja o quer, é um *décadent* típico; a época em que uma crise religiosa se apodera de um povo é sempre caracterizada por epidemias nervosas; o «mundo interior» do homem religioso é análogo até à confusão ao «mundo interior» de um homem sobreexcitado e exausto; os estados «superiores», que o Cristianismo pôs acima da humanidade como valor de todos os valores, são formas epileptóides; a Igreja canonizou apenas loucos ou grandes impostores *in maiorem Dei honorem...* Permiti uma vez a mim mesmo considerar todo o *training* cristão da penitência e da redenção (que hoje se estuda muitíssimo bem na Inglaterra) como uma *folie circulaire* metodicamente produzida, num campo já profundamente mórbido, para tal de antemão preparado. Ninguém dispõe de liberdade para se fazer cristão: ninguém se «converte» ao Cristianismo – para isso é preciso estar suficientemente enfermo... Nós, os que temos a *coragem* da saúde e também do desprezo, quão permitido nos é desprezar uma religião que ensinou a incompreensão do corpo! Que não quer desfazer-se da superstição da alma! Que da alimentação insuficiente faz um «mérito»! Que na saúde combate uma espécie de inimigo, de demónio, de tentação! Que se persuadiu de que é possível trazer uma «alma perfeita» num corpo cadavérico e que precisou para tal de aprontar um novo conceito de «perfeição», um ser pálido, doentio, entusiasta até à idiotia, a chamada «santidade» – santidade, ela própria apenas uma série de sintomas do corpo empobrecido, enervado, e incuravelmente corrompido!... O movimento cristão, enquanto movimento europeu, é de antemão um movimento global dos elementos de desperdício e lixo de toda a espécie: eis os que pretendem subir ao poder com o Cristianismo. *Não* expressa a degenerescência de uma raça, é o amontoamento e o agregado das formas de *décadence* que de toda a parte ocorrem e reciprocamente se buscam. *Não* foi, como se crê, a corrupção da própria antiguidade, da antiguidade *nobre*, o que tornou possível o Cristianismo: não se pode combater com dureza bastante o





idiotismo erudito que ainda hoje sustenta tal afirmação. Na época em que as camadas *tchandala* doentes e pervertidas se cristianizaram em todo o *imperium*, o *tipo contrário*, a excelência, precisamente na sua figura mais bela e mais amadurecida, ainda existia, e o grande número tornou-se senhor, o democratismo dos instintos cristãos *triunfou*... O Cristianismo não era «nacional», nem condicionado por uma raça – dirigia-se a todas as espécies de deserdados da vida, tinha em toda a parte os seus aliados. O Cristianismo dirigiu a *rancune* dos doentes na base, o instinto *contra* os saudáveis, *contra* a saúde. Tudo o que é bem formado, orgulhoso, soberbo, a beleza acima de tudo, molesta-lhe os ouvidos e os olhos. Recordo, mais uma vez, a palavra inapreciável de Paulo: «Deus escolheu o que há de fraco no mundo, o que é louco perante o mundo, o ignóbil e o desprezado aos olhos do mundo»; eis a fórmula, *in hoc signo* triunfou a *décadence*. *Deus na cruz* – não se compreende ainda o terrível pensamento que está por detrás deste símbolo? Tudo o que sofre, tudo o que está suspenso na cruz é *divino*... Todos nós pendemos na cruz, logo, *somos divinos*... Só nós somos divinos... O Cristianismo foi uma vitória; uma disposição anímica mais *distinta* foi nele à ruína; o Cristianismo foi até agora a maior desgraça da humanidade.

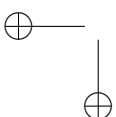
52

O Cristianismo opõe-se também a toda a boa constituição *intelectual*; só pode servir-se da razão doente enquanto razão cristã, toma o partido de tudo o que é idiota, pronuncia o anátema contra o «espírito», contra *a superbia* do espírito são. Porque a doença pertence à essência do Cristianismo, também o estado tipicamente cristão, a «fé», deve ser uma forma de enfermidade, todos os caminhos direitos, legítimos, científicos, para o conhecimento devem ser repelidos pela Igreja como caminhos *proibidos*. A dúvida constitui já um pecado... A ausência completa de limpeza psicológica no sacerdote – que se trai no olhar – é uma consequência da *décadence*; há que observar as mulheres histéricas e, por outro lado, as crianças raquíticas para ver como regularmente





a falsidade por instinto, o prazer de mentir por mentir, a incapacidade de olhar e de caminhar, são expressões de *décadence*. A «fé» significa não-querer-saber o que é verdadeiro. O pietista, o sacerdote de ambos os sexos, é falso *porque* é enfermo: o seu instinto *exige* que a verdade em nenhum ponto afirme os seus direitos. «O que torna doente é bom; o que promana da plenitude, do excesso, do poder é mau» – assim sente o crente. Eis onde reconheço os teólogos predestinados: na *servidão da mentira*. Uma outra marca dos teólogos é a sua *incapacidade para a filologia*. Por filologia deve aqui entender-se, num sentido muito geral, a *arte* de ler bem, de discriminar factos sem os falsificar mediante interpretações, sem perder, na ânsia de compreender, a circunspecção, a paciência e a finura. Filologia como *ephexis* na interpretação: trata-se simplesmente de livros, de notícias de jornais, de destinos ou de factos meteorológicos – para não falar da «salvação da alma»... A maneira como um teólogo, seja em Berlim ou em Roma, explica uma «palavra da Escritura» ou uma vivência, uma vitória do exército nacional, por exemplo; à luz excelsa dos *Salmos* de David, é sempre de tal modo ousada que leva um filólogo a atirar-se às paredes. E que fará ele, quando os pietistas e outras vacas da Suábia elevam o seu mísero quotidiano e o bafio da sua existência com o «dedo de Deus» a uma maravilha da «graça», da «Providência», das «experiências da salvação»? O mais modesto esforço do espírito, para não falar da decadência, deveria no entanto levar esses intérpretes a persuadir-se da total puerilidade e indignidade de semelhante abuso da prestidigitação divina. Com uma assim tão pequena medida de piedade no corpo, um Deus que nos cura, na altura própria, uma constipação ou num instante nos faz entrar no coche quando justamente se desencadeia uma grande chuvada, devia ser um Deus tão absurdo que seria necessário suprimi-lo, mesmo que existisse. Um Deus como criado, como carteiro, como calendarista – no fundo, é apenas uma palavra para a mais estúpida espécie de todos os acasos... A «Providência divina», como ainda hoje a admite quase um terço dos cidadãos na «Alemanha culta», seria uma objecção contra

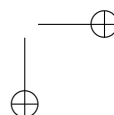
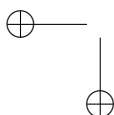




Deus – a mais forte que se poderia imaginar. E, em todo o caso, é uma objecção contra os Alemães!...

53

De tal modo é pouco verdadeiro que os *mártires* demonstrem a verdade de uma causa, que eu gostaria de negar que um mártir alguma vez tenha tido algo a ver com a verdade. No tom com que um mártir arroja o seu ter-por-verdadeiro à cara do mundo exprime-se já um tão baixo grau de probidade intelectual, uma tal *obtusidade* para a questão da verdade, que jamais é preciso refutar um mártir. A verdade não é algo que alguém possua e outro não: quando muito, só camponeses ou apóstolos de camponeses, à maneira de Lutero, é que assim pensam sobre a verdade. Pode estar-se certo de que, segundo o grau de consciência nas coisas do espírito, a *modéstia* neste ponto há-de ser sempre maior. Ter *conhecimentos* em cinco coisas e, com a mão delicada, recusá-los noutras partes... «Verdade», como a entendem todos os profetas sectários, livres-pensadores, socialistas e homens de Igreja, é uma prova absoluta de que nem sequer ainda se iniciou a disciplina do espírito e a auto-superação, que é necessária para a descoberta de uma verdade pequena, por mais pequena que seja. As mortes de mártires, diga-se de passagem, foram uma grande calamidade na história: *seduziram*... A inferência de todos os idiotas, incluindo as mulheres e o povo, de que uma causa, pela qual alguém morre (ou que suscite, como o Cristianismo primitivo, epidemias de propensão para a morte), tem algum valor – semelhante inferência tornou-se, de um modo indescritível, o travão da investigação, do espírito de exame e da circunspecção. Os mártires *prejudicaram* a verdade... Também hoje se precisa apenas de uma certa crueza na perseguição para proporcionar a quaisquer sectários, em si ainda indiferentes, um nome *honroso*. Como? Modificar-se-á em parte o valor de uma causa por alguém dar por ela a sua vida? Um erro que se torna honroso é um erro que possui mais um atractivo de sedução: julgais, senhores teólogos, que vos proporcionaremos a oportunidade de serdes mártires pelas vossas mentiras? Refuta-se uma





causa, ao estabelecerem-se com atenção os seus pontos fracos – assim também se refutam os teólogos... A imbecilidade de todos os perseguidores da história universal consistiu justamente em dar à causa adversa a aparência da honorabilidade – em oferecer-lhe como prenda a fascinação do martírio... A mulher cai ainda hoje de joelhos diante de um erro, porque se lhe disse que alguém por ela morreu na cruz. *É, pois, a cruz um argumento?* Mas, sobre todas estas coisas apenas um disse a palavra que desde há milénios teria sido necessária – *Zaratustra*.

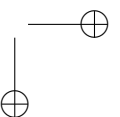
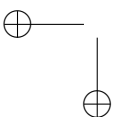
Escreveram sinais de sangue no caminho que percorreram, e a sua loucura ensinava que com o sangue se demonstra a verdade.

Mas o sangue é a pior testemunha da verdade; o sangue envenena a mais pura doutrina e muda-a ainda em loucura e em ódio dos corações.

E se alguém se arrojasse ao fogo pela sua doutrina – que prova isso? Mais verdadeiro é que do próprio incêndio surge a própria doutrina.

54

Não nos deixemos enganar: os grandes espíritos são cépticos. *Zaratustra* é um céptico. A força, a *liberdade* que promana da força e da plenitude do espírito *demonstra-se* pelo cepticismo. No tocante a tudo o que é princípio de valor e não-valor, os homens de convicções não se tomam em conta. As convicções são prisões. Não se vê bastante longe, não se vê por *baixo* delas; mas, para poder falar de valor e não-valor, há que ver por *baixo* de si, *atrás* de si, quinhentas convicções... Um espírito que quer ser algo de grande, que quer também para tal os meios, é necessariamente um céptico. A liberdade relativamente a toda a espécie de convicções *pertence* à força, o *poder* olhar livremente... A grande paixão, o fundo e o poder do seu ser, por esclarecido e despótico que ele seja, põe ao seu serviço todo o seu intelecto; elimina a hesitação; proporciona-lhe a coragem até para meios ímpios; *permite-lhe* convicções em determinadas circunstâncias. A convicção como *meio*: há muitas coisas que só se alcançam mediante uma convicção. A grande paixão precisa de e usa convicções, não se submete a elas – sabe-se soberana. Inversamente: a necessidade de fé, de algo não

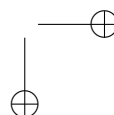
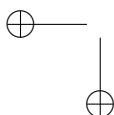




condicionado pelo sim e pelo não, o carlylismo, se me desculparem o termo, é uma necessidade da *fraqueza*. O homem de fé, o «crente» de toda a espécie, é necessariamente um homem dependente – alguém que não se considera como fim, que em geral não pode por si produzir fins. O «crente» não pertence a si mesmo, pode apenas ser meio, deve ser *consumido*, tem necessidade de alguém que o consuma. O seu instinto presta a maior honra a uma moral de alienamento de si: tudo o persuade desta moral – a sua sagacidade, a sua experiência, a sua vaidade. Toda a espécie de fé é por si mesma uma expressão de alienamento de si... Se se examinar como é necessário à maioria dos homens o regulador que os vincule e os fixe a partir de fora, como a coacção – num sentido mais elevado a *escravidão* – é a única e derradeira condição sob a qual prospera o homem de vontade fraca, sobretudo a mulher, então compreender-se-á também a convicção, a «fé». O homem de convicção tem nela a sua espinha dorsal. Não ver muitas coisas, não ser imparcial em ponto algum, ser plenamente de um partido, ter uma óptica severa e necessária em todos os valores – só isto explica que exista em geral semelhante espécie de homens. Mas ela é assim o contrário, o *antagonista* do verídico – da verdade... O crente não dispõe da liberdade de ter uma consciência para a questão do «verdadeiro» e do «falso»: ser *aqui* honesto seria de imediato a sua ruína. O condicionamento patológico da sua óptica faz do convicto o fanático – Savonarola, Lutero, Rousseau, Robespierre, Saint-Simon –, o tipo antagónico do espírito forte e *liberto*. Mas a atitude grandiloquente destes espíritos *doentes*, destes epilépticos do conceito, actua sobre a grande massa – os fanáticos são pitorescos, a humanidade gosta mais de ver gestos do que ouvir *razões*...

55

Um passo mais na psicologia da convicção, da «fé». Já há muito submeti à consideração se as convicções não serão inimigos mais perigosos da verdade do que as mentiras (*Humano, demasiado humano*, af. 54 e 483). Gostaria agora de fazer a pergunta decisiva: há em geral





uma oposição entre mentira e convicção? Todo o mundo crê que sim; mas o que é que todo o mundo não crê? Toda a convicção tem a sua história, as suas formas primigénias, as suas tentativas e erros: *torna-se* convicção depois de por muito tempo o não ser, depois de ainda por mais tempo *difícilmente* o ser. Como? Não poderia haver debaixo destas formas embrionárias de convicção também a mentira? Às vezes, é apenas necessária uma mudança de pessoas: no filho, torna-se convicção o que no pai era ainda mentira. Chamo mentira ao *não* querer ver algo que se vê, ao não querer ver algo do modo como se vê: pouco importa se a mentira teve, ou não, lugar perante testemunhas. A mentira mais habitual é aquela pela qual alguém mente a si mesma; mentir aos outros é relativamente um caso excepcional. Ora não querer ver o que se vê, não querer ver do modo como se vê, eis a quase condição primordial para todos os que são de um *partido*, seja em que sentido for: o homem de partido torna-se necessariamente mentiroso. A historiografia alemã, por exemplo, está convencida de que Roma era o despotismo, de que os Germanos introduziram no mundo o espírito da liberdade: que diferença existe entre ter esta convicção e uma mentira? Poderá ainda alguém admirar-se de que todos os partidos, por instinto, e também os historiadores alemães tenham na boca as grandes palavras da moral – de que a moral *continue a existir* quase unicamente porque o homem de partido de qualquer espécie precisa dela a todo o instante? «Eis a *nossa* confissão – confessamo-la diante de todo o mundo, vivemos e morremos por ela –: respeito perante todo aquele que tem convicções!» Coisas destas e similares foi o que ouvi até da boca de anti-semitas. Pelo contrário, meus senhores, não é por mentir por princípio que o anti-semita se torna mais decente... Os sacerdotes, que em tais coisas são muito mais atilados e compreendem muito bem a objecção que reside no conceito de uma convicção, isto é, de uma mendacidade por princípio, *porque* ao serviço de um fim, receberam dos Judeus a sagacidade de, neste lugar, introduzir a noção de «Deus», de «vontade de Deus», de «revelação de Deus». Também Kant, com o seu imperativo categórico, se encontrava em idêntico caminho: a





sua *razão* tornou-se aqui *prática*. Há questões em que *não* pertence ao homem a decisão sobre a verdade e a inverdade; todas as questões supremas, todos os problemas principais acerca de valores estão para além da razão humana... Compreender as fronteiras da razão – *só isso* é verdadeiramente filosofia... Para que é que Deus deu ao homem a revelação? Teria Deus feito algo de supérfluo? Por si mesmo, o homem não pode saber o que é bem e mal, por isso Deus ensinou-lhe a sua vontade... Moral: o sacerdote *não* mente – a questão do «verdadeiro» ou do «falso» nas coisas de que os sacerdotes falam não permite de modo algum mentir. Com efeito, para mentir, deveria poder decidir-se o que aqui é verdadeiro. Mas é justamente isso que o homem *não pode*; o sacerdote é assim apenas o porta-voz de Deus. Um tal silogismo de sacerdote não é totalmente apenas judeu e cristão: o direito à mentira e a *astúcia* da «revelação» pertencem ao tipo do sacerdote, tanto aos sacerdotes da *décadence* como aos sacerdotes do paganismo (pagãos são todos os que dizem sim à vida, para os quais «Deus» é a palavra para o grandioso sim a todas as coisas). A «lei», a «vontade de Deus», o «livro sagrado», a «inspiração» – tudo apenas palavras para as condições sob as quais o sacerdote chega ao poder, com as quais mantém o seu poder – tais conceitos encontram-se no fundo de todas as organizações sacerdotais, de todas as estruturas de dominação sacerdotais ou filosófico-sacerdotais. A «santa mentira» – comum a Confúcio, ao *Código de Manu*, a Maomé, à Igreja cristã – não falta em Platão: «A verdade está ali». Isso significa, onde quer que se ouça, *o sacerdote mente...*

56

Em último lugar, importa saber com que *fim* se mente. Que no Cristianismo faltam os fins «santos», eis a *minha* objecção contra os seus meios. Há apenas fins *maus*: envenenamento, calúnia, negação da vida, o desprezo do corpo, a degradação e a autoprofanação do homem por meio do conceito de pecado – *por conseguinte*, também os seus meios são maus. Leio, com um sentimento adverso, o *Código de Manu*, uma obra incomparavelmente espiritual e superior; nomeá-la



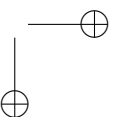
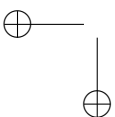


juntamente com a Bíblia, mesmo que só num fôlego, seria um pecado contra o *espírito*. Logo se adivinha que semelhante obra tem por detrás de si, em si, uma efectiva filosofia, e não apenas uma nauseabunda judiaria de rabinismo e superstição – proporciona até ao psicólogo mais mimado algo para ele morder. *Não* esqueçamos o essencial, a diferença fundamental relativamente a toda a espécie de Bíblia: as castas *nobres*, os filósofos e os guerreiros conservam por ele o domínio sobre a multidão; por toda a parte valores nobres, o sentimento de perfeição, um dizer sim à vida, um triunfante sentimento de bem-estar em si e na vida – o sol habita todo o livro. Todas as coisas em que o Cristianismo expressa a sua vulgaridade imperscrutável, por exemplo, a concepção, a mulher, o casamento, são aqui tratados seriamente com reverência, com amor e confiança. Como é que, em rigor, se pode pôr nas mãos das crianças e das mulheres um livro que contém estas palavras mesquinhas: «Por causa da impudicícia, que cada qual tenha a sua própria mulher e que cada mulher tenha o seu próprio marido; com efeito, mais vale casar-se do que abraçar-se»!? E poderá ser-se cristão enquanto a origem do homem estiver cristianizada com o conceito de *immaculata conceptio*, isto é, conspurcada?... Não conheço nenhum livro em que à mulher se digam tantas coisas doces e boas, como no *Código de Manu*; estes antigos velhotes e santos tinham uma maneira de ser amáveis com as mulheres, que talvez não tenha sido excedida. «A boca de uma mulher – diz-se aí uma vez –, o seio de uma donzela, a oração de uma criança, o fumo do sacrifício, são sempre puros.» Uma outra passagem: «Nada há de mais puro do que a luz do sol, a sombra de uma vaca, o ar, a água, o fogo e a respiração de uma donzela». Uma última passagem – porventura, também uma santa mentira –: «Todas as aberturas do corpo por cima do umbigo são puras, todas as que estão por baixo são impuras, só na donzela é que todo o corpo é puro».



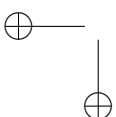


Surpreende-se *in flagranti a insalubridade* dos meios cristãos, quando se compara o *fim cristão* com o fim do *Código de Manu* – quando se foca com luz forte a ingente contradição destes fins. O crítico do Cristianismo não pode poupar-se a torná-lo *desprezível*. Um código como o de Manu surge como todos os bons códigos: resume a experiência, a sagacidade e a moral experimental de longos milénios, encerra e nada mais cria. O pressuposto para uma codificação da sua espécie é o discernimento de que os meios para conferir autoridade a uma verdade, lenta e custosamente adquirida, são fundamentalmente diferentes daqueles com que ela se demonstraria. Um código jamais refere a utilidade, as razões, a casuística na pré-história de uma lei: perderia assim justamente o tom imperativo, o «tu deves», o pressuposto para que se lhe preste obediência. O problema reside precisamente aqui. Em determinado ponto da evolução de um povo, a sua camada social mais circunspecta, isto é, a que melhor percepção o passado e o futuro, declara como encerrada a experiência, segundo a qual se deve – isto é, se pode – viver. O seu objectivo é arrecadar do modo mais rico e completo que for possível a colheita das épocas de experimentação e da *má* experiência. Por conseguinte, o que acima de tudo importa agora evitar é a prossecução do experimentar, a permanência *in infinitum* do estado fluído dos valores, o exame, a escolha e a crítica dos valores. Opõe-se a tal um duplo muro: por um lado, a *revelação*, isto é, a afirmação de que a razão dessas leis *não* é de origem humana, de que não se buscou e encontrou lentamente e com erros, mas apenas foi comunicada como de origem divina, inteira, perfeita, sem história, como um presente, um milagre... Por outro lado, a *tradição*, isto é, a afirmação de que a lei já existia desde tempos imemoriais, de que pô-la em dúvida seria impiedade, um crime para com os antepassados. A autoridade da lei fundamenta-se com as teses: foi Deus que a *deu*, os antepassados viveram-na. A razão superior de semelhante procedimento reside na intenção de, passo a passo, afastar a consciência da vida enquanto correctamente reconhecida (isto é, *demonstrada*



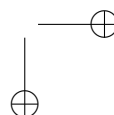
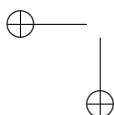


por uma ingente e cuidadosamente perscrutada experiência), de modo a obter-se assim o completo automatismo do instinto – pressuposto para toda a espécie de mestria, para todo o tipo de perfeição na arte da vida. Compilar um código à maneira de Manu é, além disso, facultar a um povo tornar-se mestre, tornar-se perfeito – ambicionar a suprema arte da vida. *Para isso importa tornar-se inconsciente*: eis o fim de todas as santas mentiras. *A ordem das castas*, a lei suprema e dominante, é unicamente a sanção de uma *ordem natural*, de uma legalidade natural de primeira categoria, sobre a qual não tem poder nenhum arbítrio, nenhuma «ideia moderna». Em toda a sociedade são, distinguem-se três tipos fisiológicos que entre si se condicionam, mas são de diversa gravitação, dos quais cada um tem a sua própria higiene, o seu próprio domínio de trabalho e a sua própria espécie de sentimento de perfeição e mestria. A natureza, e não Manu, é que separa os predominantemente intelectuais, os de preponderância muscular e de temperamento forte, e os terceiros, os que não se distinguem nem numa nem noutra coisa, os medianos. Os últimos surgem como a maioria, e os primeiros como a elite. A casta superior – a quem chamo *os poucos* – como a mais perfeita, tem também os privilégios do menor número: cabe-lhe representar sobre a Terra a felicidade, a beleza e a bondade. Só os homens mais intelectuais têm o direito à beleza e ao belo: só neles é que a bondade não é fraqueza. *Pulchrum est paucorum hominum*: o bem é um privilégio. Em contrapartida, nada lhes é menos permitido do que os modos feios ou um olhar pessimista, uns olhos que *desfiguram* – ou uma indignação sobre o aspecto global das coisas. A indignação é a prerrogativa dos *tchandala*; igualmente o pessimismo. «*O mundo é perfeito* – assim fala o instinto dos mais espirituais, o instinto que diz sim: a imperfeição, o *abaixo-de-nós* de qualquer espécie, a distância, o *pathos* da distância, e o próprio *tchandala* pertence ainda a esta perfeição.» Os homens mais espirituais, por serem os *mais fortes*, encontram a sua felicidade onde os outros deparariam com a sua ruína: no labirinto, na dureza para consigo e para com os outros, na busca; o seu prazer é o autodomínio: o ascetismo torna-se neles natureza, necessi-





dade, instinto. A tarefa difícil surge-lhes como privilégio; brincar com pesos que oprimem os outros é para eles *recreação*... O conhecimento – uma forma de ascetismo. Eles são a espécie mais honrosa de homens: mas tal não exclui que sejam também a mais cheia de humor, a mais amável. Dominam, não porque queiram dominar, mas porque *são*; não são livres de ser os segundos. Os *segundos*: estes são as sentinelas do direito, os guardiães da ordem e da segurança, os nobres guerreiros, sobretudo o *rei* enquanto forma suprema do guerreiro, do juiz e do sustentáculo da lei. Os segundos são os executivos dos espirituais, o que lhes está mais próximo, o que deles afasta tudo o que é grosseiro no trabalho da dominação, o seu séquito, a sua mão direita, os seus melhores discípulos. Em tudo isto, diga-se mais uma vez, nada há de arbitrário, nada de «factício»; o que é de *outro modo* é que é factício – a natureza tornou-se então ignomínia... A ordem das castas, a *ordem de precedência*, formula apenas a lei suprema da própria vida, a superação dos três tipos é necessária para a manutenção da sociedade, para a possibilitação de tipos superiores e supremos – a *desigualdade* dos direitos é a primeira condição para que em geral haja direitos. Um direito é um privilégio. Não subestimemos os privilégios dos *medianos*. A vida, ao elevar-se, torna-se sempre mais dura – o frio aumenta e a responsabilidade cresce. Uma civilização superior é uma pirâmide: pode assentar num solo amplo, tem acima de tudo por pressuposto uma mediania forte e sabiamente consolidada. O ofício, o comércio, a agricultura, a *ciência*, a maior parte da arte, numa palavra, todo o conjunto da actividade profissional, só são inteiramente compatíveis com uma medida média no poder e no desejar: tais coisas estariam deslocadas sob as excepções, o instinto a isso atinente estaria em contradição tanto com o aristocratismo como com o anarquismo. Para alguém vir a ser de utilidade pública, uma roda, uma função, há uma determinação natural: não é a sociedade, não é a espécie de *felicidade*, de que a maioria é simplesmente capaz, que faz dos elementos estas máquinas inteligentes. Para os medianos, a sua felicidade é ser mediano; a mestria numa só coisa, a especialidade, é um instinto natural. Seria inteira-





mente indigno de um espírito profundo ver já na mediania em si uma objecção. A própria mediania é a *primeira* necessidade para que possa haver excepções: uma civilização superior é por ela condicionada. Se o homem excepcional trata justamente os medianos com maior afabilidade do que a si mesmo e aos seus iguais, isso não é simplesmente cortesia do coração – é apenas o seu dever.. A quem é que eu mais odeio na ralé de hoje? É à escumalha dos socialistas, aos apóstolos dos *tchandala*, que minam o instinto, o prazer, o sentimento de moderação do trabalhador com o seu pequeno ser – que o tornam invejoso, que lhe ensinam a vingança... A injustiça jamais reside em direitos desiguais, encontra-se na pretensão aos «direitos iguais»... O que é *mau*? Mas eu já o disse: tudo o que brota da fraqueza, da inveja, da *vingança*. O anarquista e o cristão têm uma origem idêntica..

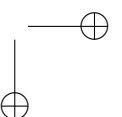
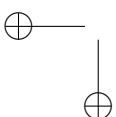
58

Efectivamente, quanto ao fim com que se mente, é muito diferente se com ele se conserva ou se destrói. Pode estabelecer-se uma comparação perfeita entre o cristão e o anarquista: o seu fim, o seu instinto, visa apenas a destruição. A demonstração desta proposição deve ir buscar-se apenas à história: esta encerra-a em si com uma evidência horrenda. Já nos familiarizámos com uma legislação religiosa cujo fim, ou seja, a suprema condição para fazer *prosperar* a vida, era «eternizar» uma grande organização da sociedade; o Cristianismo encontrou a sua missão em acabar justamente com semelhante organização, pois *nesta a vida prosperava*. Além, o produto da razão, procedente de longo período de experimentação e de insegurança, queria aplicar-se em vista de uma utilidade remota, e a colheita a arrecadar deveria ser tão grande, tão rica, tão completa quanto possível; aqui, pelo contrário, *envenenava-se* a colheita durante a noite... O que existia *aere perennius*, o *imperium romanum*, a mais grandiosa forma de organização sob difíceis condições que até então se alcançara, em comparação com a qual tudo o que a precedeu, tudo o que se lhe seguiu, é miscelânea, incompetência e diletantismo – aqueles santos anarquistas





consideraram uma «piedade» destruir o «mundo», isto é, o *imperium romanum*, até não restar pedra sobre pedra –, até que os Germanos e outros brutamontes conseguiram tornar-se seus senhores... O cristão e o anarquista: ambos *décadents*, ambos incapazes de agir de outro modo a não ser desintegrando, envenenando, debilitando, *sugando o sangue*; ambos têm por instinto um *ódio mortal* contra tudo o que permanece, o que é grande, o que tem duração, o que promete futuro à vida... O Cristianismo foi o vampiro do *imperium romanum* – destruiu numa só noite o feito ingente dos Romanos, conquistar o solo para uma civilização grandiosa, *que tem tempo*. Não se compreende ainda? O *imperium romanum* que conhecemos, que a história da província romana nos ensina sempre a conhecer melhor, essa admirável obra de arte de grande estilo, era um começo, o seu edifício estava calculado para se *demonstrar* por milénios – nunca até hoje assim se construiu, jamais também se sonhou sequer em construir em igual medida *sub specie aeterni!* Esta organização era assaz forte para suportar maus imperadores: o acaso de pessoas nada tem de fazer em tais coisas – *primeiro* princípio de toda a grande arquitectura. Mas não foi assaz forte contra a *mais corrompida* espécie de corrupção, contra o *cristão*... Esta vermina subreptícia, que se aproximava rastejando de cada um no meio da noite, na névoa e na ambiguidade e sugava a cada um a seriedade para as coisas *verdadeiras*, o instinto em geral para as *realidades*, esta turba cobarde, feminino e melíflua, afastou gradualmente as «almas» desta ingente construção – essas naturezas valorosas, virilmente nobres, que viam na causa de Roma a sua própria causa, a sua própria seriedade, o seu próprio *orgulho*. O contrabando beato, a misteriosidade de conventículo, conceitos sombrios como o inferno, como o sacrifício do inocente, como a *unio mystica* no beber do sangue, sobretudo o fogo da vingança lentamente avivado, da vingança dos *tchandala* – foi isso que se veio a tornar senhor de Roma, a mesma espécie de religião a que, na sua forma de preexistência, já Epicuro fizera a guerra. Leia-se Lucrécio para compreender o que Epicuro combateu, não o paganismo, mas o «Cristianismo», quero dizer, a corrupção das almas pela noção





de pecado, de castigo e de imortalidade. Combateu os cultos *subterrâneos*, todo o cristianismo latente – negar a imortalidade era já então uma verdadeira *redenção*. E Epicuro teria vencido; todo o espírito respeitável que havia no Império Romano era epicurista: *então, apareceu Paulo...* Paulo, o ódio *tchandala* feito carne, feito génio, contra Roma, contra o «mundo», o judeu, o judeu *errante par excellence...* O que ele adivinhou foi o modo como poderia atear um «incêndio universal» com a ajuda do pequeno movimento sectário dos cristãos, à parte do judaísmo; como com o símbolo «Deus na cruz» conseguiria reunir num poder imenso tudo quanto era inferior, tudo quanto era secretamente insurrecto, toda a herança das intrigas anarquistas do Império. «A salvação vem dos Judeus». O Cristianismo como fórmula para superar os cultos subterrâneos de toda a espécie, os de Osíris, da Grande Mãe, de Mitra, por exemplo – e os resumir: nesta perspicácia é que consiste o génio de Paulo. O seu instinto foi aqui tão seguro que, com uma violência implacável feita à verdade, pôs na boca do «Salvador» da sua invenção, e não só na boca, as ideias com que se deixavam fascinar essas religiões de *tchandala* – fez dele algo que também um sacerdote de Mitra pudesse compreender... Foi esse o seu instante de Damasco: compreendeu que *precisava* da fé na imortalidade para desvalorizar o «mundo», que o conceito de «inferno» se tornaria senhor de Roma – que com o «além» *se mata a vida...* Nihilista e cristão: ambas as coisas concordam, e não concordam simplesmente...

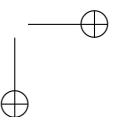
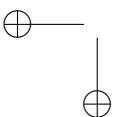
59

Em vão todo o trabalho do mundo antigo: não tenho palavras que expressem o meu sentimento sobre algo de tão monstruoso. E ao considerar que o seu trabalho era um trabalho preliminar, que com uma autoconsciência granítica se lançara justamente apenas o fundamento para um trabalho de milénios, em vão todo o *sentido* do mundo antigo!... Para que serviram os Gregos? Para quê os Romanos? Todos os pressupostos de uma civilização erudita, todos os *métodos* científicos aí se encontravam já, tinha-se já estabelecido a grande e incomparável





arte de bem ler – o pressuposto para a tradição da cultura, para a unidade da ciência; a ciência da natureza, em ligação com a Matemática e a Mecânica, achava-se no melhor caminho – o *sentido dos factos*, o último e mais valioso de todos os sentidos, tinha as suas escolas, a sua tradição velha já de séculos! Compreende-se isto? *Tudo o que é essencial* para se poder enveredar pelo trabalho fora encontrado: os métodos, importa dizê-lo dez vezes, *são* o essencial, e também o mais difícil e ainda o que há mais tempo tem contra si os hábitos e a preguiça. O que hoje reconquistámos com indizível autodomínio – todos, de facto, temos ainda de algum modo no corpo os maus instintos, os instintos cristãos –, o olhar livre perante a realidade, a mão circunspecta, a paciência e a seriedade no que há de mais pequeno, a total *probidade* do conhecimento – tudo isso já lá estava! Há mais de dois milénios! E, mais ainda, o tacto e o gosto bom e apurado! «*Não* como domesticação cerebral!» *Não* como a formação «alemã», com maneiras de brutamontes! Mas como corpo, como gesto, como instinto – numa palavra, como realidade... *Tudo em vão!* Da noite para o dia, simplesmente uma recordação! Gregos! Romanos! A excelência do instinto, o gosto, a investigação metódica, o génio da organização e da administração, a fé, a *vontade* para o futuro humano, o grande sim a todas as coisas visível enquanto *imperium romanum*, visível para todos os sentidos, o grande estilo não já simplesmente arte, mas feito realidade, verdade, *vida*... E não foi sepultado da noite para o dia por um fenómeno da natureza! Não foi derrubado pelos Germanos ou por outros tardígrados! Mas foi desfigurado por vampiros astutos sub-reptícios, invisíveis, anémicos! Não vencido – apenas sugado!... A sede oculta de vingança, a pequena inveja transformada em senhor! De súbito, tudo o que é mesquinho, o mórbido em si, infestado por sentimentos maus, todo o *mundo de gueto* das almas no topo!... Leia-se apenas um qualquer agitador cristão, Santo Agostinho por exemplo, para compreender, para *cheirar*, que sócios imundos chegaram assim ao poder. Seria um erro a todo o tamanho se alguém pressupusesse falta de entendimento nos chefes do movimento cristão. Oh! são astutos, astutos até à santidade, esses se-

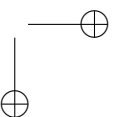
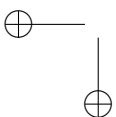




nhores Padres da Igreja! O que lhes falta é algo de totalmente diverso. A natureza abandonou-os, esqueceu-se de os prover com um dote modesto de instintos respeitáveis, convenientes, *limpos*... Aqui entre nós, eles nem sequer são homens... Se o Islamismo despreza o Cristianismo, tem para tal mil razões: o Islão tem os homens como pressuposto...

60

O Cristianismo desperdiçou os frutos da cultura antiga, fez-nos perder novamente, mais tarde, os frutos da cultura do *Islamismo*. O maravilhoso mundo da cultura mourisca de Espanha que, no fundo, nos é mais afim e fala mais aos nossos sentidos e gostos do que Roma e Grécia, foi *espezinhada* – não digo por que pés – porquê? Porque devia a sua origem a instintos nobres, a instintos viris, porque dizia também ainda sim à vida, com as magnificências raras e refinadas da vida mourisca!... Os Cruzados lutaram mais tarde contra algo que teriam feito melhor em adorar no pó – uma civilização perante a qual até mesmo o nosso século XIX se poderia achar muito pobre, muito «epígono». Queriam certamente despojos: o Oriente era rico... Sejamos, no entanto, imparciais! As Cruzadas – pirataria em grande escala, nada mais! A nobreza alemã, no fundo nobreza dos Vikings, encontrava-se assim no seu elemento: a Igreja sabia apenas demasiado bem como se domina a nobreza alemã... A nobreza alemã, sempre os «suíços» da Igreja, sempre ao serviço de todos os maus instintos da Igreja – mas *bem paga*... Foi com a ajuda das espadas alemãs, do sangue e do valor alemães, que a Igreja fez a sua guerra de morte contra tudo o que de nobre existe sobre a Terra! Surge neste lugar uma chusma de perguntas dolorosas. A nobreza alemã quase sempre *falha* na história da civilização superior: adivinha-se o motivo... Cristianismo, álcool – os dois *grandes* meios da corrupção... Não podia em si, é certo, haver escolha alguma entre o Islão e o Cristianismo, como tão pouco entre um árabe e um judeu. A decisão está tomada, ninguém é livre de ainda aqui escolher. Ou se é um *tchandala* ou *não*... «Guerra total com Roma! Paz e amizade com o Islão»: assim o sentia, assim o fazia esse grande es-





pírito livre, o génio entre os imperadores alemães, Frederico II. Como? Deverá um alemão ser primeiro génio, primeiramente um espírito livre, para surgir como *decente*? Não compreendo como é que um alemão, alguma vez, se tenha podido sentir *cristão*...

61

É necessário aflorar aqui uma sensação cem vezes mais dolorosa ainda para os Alemães. Os Alemães impediram na Europa a última grande colheita da civilização que a Europa podia arrecadar: a da *Renascença*. Compreender-se-á, por fim, quererá compreender-se o que foi a Renascença? A transmutação dos valores cristãos, a tentativa, empreendida com todos os meios, com todos os instintos, com todo o génio, de dar a vitória aos valores *contrários*, aos valores *nobres*... Até agora, houve apenas *essa* grande guerra, não houve até hoje nenhum questionamento mais decisivo do que o da Renascença – a *minha* questão é a sua questão; nunca houve também uma forma de *ataque* mais fundamental, mais directa, mais estrénuo em toda a frente e dirigida contra o centro! Atacar no lugar decisivo, na própria sede do Cristianismo, pôr ali no trono os valores *nobres*, isto é, introduzi-los nos instintos, nas necessidades e nos desejos mais baixos dos que estavam no poder. Vejo diante de mim a *possibilidade* de uma magia e de um encanto de cores perfeitamente supratereestres: parece-me que tal possibilidade resplandece em todos os tremores da beleza refinada, que nela está em acção uma arte, uma arte tão divina, tão diabolicamente divina, que em vão se buscaria, ao longo de milénios, uma tal segunda possibilidade; vejo um espectáculo tão significativo e, ao mesmo tempo, tão admiravelmente paradoxal que todas as divindades do Olimpo teriam ocasião de romper num riso imortal – *César Bórgia coma Papa*... Compreendem-me?... Muito bem. Tal teria sido a vitória pela qual somente hoje anseio – ter-se-ia assim *suprimido* o Cristianismo! Que aconteceu? Um monge alemão, Lutero, veio para Roma. Este monge, com todos os instintos de vingança de um sacerdote infeliz no corpo, rebelou-se em Roma *contra* a Renascença... Em vez de compreender

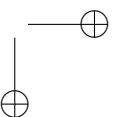
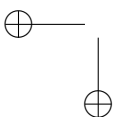




com a mais profunda gratidão o prodígio que tivera lugar, a superação do Cristianismo na sua *sede* – o seu ódio soube extrair deste espectáculo apenas o seu alimento. Um homem religioso pensa apenas em si. Lutero viu a *corrupção* do Papado, quando justamente devia agarrar com as mãos o contrário: a antiga corrupção, o *peccatum originale*, o Cristianismo já não estava sentado na cadeira do Papa! Mas a vida! Mas o triunfo da vida! Mas o grande sim a todas as coisas elevadas, belas, audazes!... E Lutero *restabeleceu a Igreja*: atacou-a... O Renascimento, um acontecimento sem sentido, um imenso *em vão*! Ah! Estes Alemães, quanto já nos custaram! Em vão – eis o que sempre foi a *obra* dos Alemães. A Reforma; Leibniz; Kant e a chamada filosofia alemã; as Guerras da Restauração; o Império – sempre um em vão para algo que já aí estava, para algo de *irreparável*; estes Alemães são, confesso, *meus* inimigos: desprezo neles toda a espécie de sujidade, de conceitos e valores, de *cobardia* perante todo o sim e não honesto. Embaciaram e embaralharam, desde quase há um milénio, tudo aquilo em que tocaram com os seus dedos, têm na consciência todas as meias medidas – três oitavas partes! – de que enferma a Europa; e têm também na consciência a menos limpa espécie de Cristianismo que existir pode, a mais incurável, a mais irrefutável, o Protestantismo... Se não se acabar com o Cristianismo, os *Alemães* é que terão a culpa...

62

E chego assim ao fim e vou proferir o meu juízo. *Condeno* o Cristianismo, lanço contra a Igreja a mais temível de todas as acusações que, alguma vez, um acusador pronunciou. Ela é a maior de todas as corrupções que pensar se podem, teve também a vontade para a derradeira corrupção apenas possível. A Igreja cristã nada deixou intocado pela sua corrupção, fez de cada valor um não-valor, de cada verdade uma mentira, de toda a probidade uma vilania das almas. Que ousem ainda falar-me das suas bênçãos «humanitárias»! *Suprimir* qualquer miséria era ir contra a sua mais profunda vantagem – ela viveu de misérias, *criou* misérias para *se* eternizar... O verme do pecado, por exemplo:

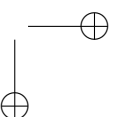
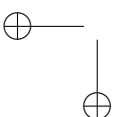




foi com a miséria assim que a Igreja enriqueceu acima de tudo a Humanidade! A «igualdade das almas perante Deus», esta falsidade, este subterfúgio das *rancunes* de todos os espíritos inferiores, este conceito exclusivo, que se tornou por fim revolução, ideia moderna e princípio da degenerescência de toda a ordem social – é a dinamite *cristã*... «Bênçãos humanitárias» do Cristianismo! Extrair da *humanidade* uma autocontradição, uma arte de autoviolação, uma vontade de mentira a todo o custo, uma repulsa, um desprezo de todos os bons e honestos instintos! – eis as bênçãos do Cristianismo! O parasitismo como a única práxis da Igreja; sugando, com o seu ideal de anemia e de «santidade», todo o sangue, todo o amor, toda a esperança de vida; o Além como vontade de negação de toda a realidade; a cruz como marca distintiva da mais subterrânea conspiração que alguma vez existiu – contra a saúde, a beleza, a rectidão, a bravura, o espírito, a *bondade* da alma, *contra a própria vida*...

Hei-de escrever em todas as paredes esta eterna acusação contra o Cristianismo, onde quer que haja paredes – tenho letras que até hão-de fazer ver os cegos... Chamo ao Cristianismo a última grande calamidade, a única grande depravação interior, o único grande instinto de vingança, para o qual nenhum meio é suficientemente venenoso, sub-reptício, subterrâneo, *baixo* – chamo-lhe a única nódoa imortal da humanidade...

E conta-se o *tempo* a partir do *dies nefastus* com que se iniciou semelhante destino – a partir do *primeiro* dia do Cristianismo! – *Porque não antes a partir do seu último dia? – A partir de hoje?* – Transmutação de todos os valores!...





ADENDA

—

LEI CONTRA O CRISTIANISMO

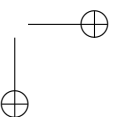
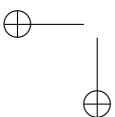
Dada no dia da Salvação, no primeiro dia do ano I
(a 30 de Setembro de 1888, pelo falso calendário).
Guerra de morte contra o vício: o vício é o Cristianismo.

Artigo 1.º

É vício toda a espécie de antinatureza. O mais vicioso tipo de homem é o sacerdote: ele ensina a antinatureza. Contra o sacerdote, não se têm razões, tem-se a casa de correcção.

Artigo 2.º

Toda a participação num serviço divino é um atentado à moralidade pública. Deve ser-se mais duro para com os protestantes do que para com os católicos, mais duro para com o protestante liberal do que para com o ortodoxo. O elemento criminal em ser cristão aumenta na medida em que alguém se aproxima da ciência. Por conseguinte, o criminoso por antonomásia é o *filósofo*.





Artigo 3.º

O lugar execrável onde o Cristianismo chocou os seus ovos de basilisco deverá ser completamente arrasado e, como lugar infame da Terra, constituirá o terror da posteridade. Nele se virão a criar serpentes venenosas.

Artigo 4.º

A pregação da castidade é uma incitação pública à antinatureza. Todo o desprezo da vida sexual, toda a sua infecção mediante o conceito de «impuro», é o genuíno pecado contra o espírito santo da vida.

Artigo 5.º

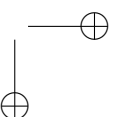
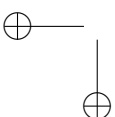
Comer à mesa com um sacerdote é fonte de ostracismo: é excomungar-se deste modo da sociedade honesta. O sacerdote é o *nosso tchandala* – há que encarcerá-lo, privá-lo de alimentos, expulsá-lo para qualquer tipo de deserto.

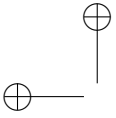
Artigo 6.º

É preciso chamar a história «sagrada» com o nome que ela merece, isto é, história *maldita*. Usar-se-ão as palavras «Deus», «Salvador», «Redentor», «Santo», como alcunhas, como marcas dos criminosos.

Artigo 7.º

- O resto segue-se daqui.





[Nota do Tradutor]

Esta versão corrige e melhora a que foi publicada em 1989 (uma edição muito defeituosa em que, por lapso e inadvertência dos serviços técnicos, não se procedeu a uma plena revisão de provas) e em 1997.

